

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“Será que pelo desorganizado se conhece sempre o incapaz?  
A estabilidade das Teorias Implícitas da Personalidade”**

**Carolina Maria Soares de Barros**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Cognição Social Aplicada)**

**2016**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“Será que pelo desorganizado se conhece sempre o incapaz?  
A estabilidade das Teorias Implícitas da Personalidade”**

**Carolina Maria Soares de Barros**

Dissertação orientada pela Doutora Sara Loureiro Cardoso (Sara Hagá)

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Cognição Social Aplicada)**

**2016**

## Índice

<b>Enquadramento Teórico.....</b>	<b>8</b>
<b>A Magia da Formação de Impressões .....</b>	<b>8</b>
<b>As Teorias Implícitas da Personalidade .....</b>	<b>14</b>
<b>TIPs a uma dimensão – Princípio da consistência avaliativa .....</b>	<b>16</b>
<b>TIPs a duas dimensões – A representação de Rosenberg e colaboradores .....</b>	<b>18</b>
<b>As dimensões fundamentais da Cognição Social .....</b>	<b>23</b>
<b>TIPs - estruturas robustas e estáveis? .....</b>	<b>28</b>
<b>A mente humana: instável por definição?.....</b>	<b>30</b>
<b>A instabilidade das categorias não-sociais .....</b>	<b>34</b>
<b>A instabilidade de categorias sociais.....</b>	<b>36</b>
<b>Estudo Piloto.....</b>	<b>43</b>
<b>Método.....</b>	<b>43</b>
<b>Resultados .....</b>	<b>44</b>
<b>Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS).....</b>	<b>44</b>
<b>Análise de Clusters .....</b>	<b>45</b>
<b>Estabilidade a nível grupal .....</b>	<b>46</b>
<b>Estabilidade a nível individual .....</b>	<b>47</b>
<b>Considerações iniciais .....</b>	<b>48</b>
<b>Estudo 1.....</b>	<b>48</b>
<b>Método.....</b>	<b>48</b>
<b>Participantes .....</b>	<b>48</b>
<b>Procedimento .....</b>	<b>49</b>
<b>1ª Fase – Fase de primação .....</b>	<b>49</b>
<b>2ª fase - Fase de avaliação das TIPs .....</b>	<b>51</b>
<b>Procedimento para a seleção de traços.....</b>	<b>52</b>
<b>Resultados .....</b>	<b>53</b>
<b>Avaliação das TIPs – Escalonamento Multidimensional (MDS).....</b>	<b>53</b>
<b>Condição controlo .....</b>	<b>55</b>
<b>Condição Astronauta .....</b>	<b>56</b>
<b>Condição Submarino.....</b>	<b>56</b>
<b>Acuidade das respostas .....</b>	<b>57</b>
<b>Estudo 2.....</b>	<b>59</b>
<b>Método.....</b>	<b>59</b>
<b>Participantes .....</b>	<b>60</b>

<b>Procedimento .....</b>	<b>61</b>
<b>1ª fase - Fase de primação .....</b>	<b>61</b>
<b>2ª fase - Fase de avaliação das TIPs .....</b>	<b>63</b>
<b>Procedimento para a seleção de traços .....</b>	<b>65</b>
<b>Avaliação das TIPs – Escalonamento Multidimensional .....</b>	<b>66</b>
<b>Condição Controlo .....</b>	<b>68</b>
<b>Condição Relação Negativa (“inteligente mas antipático”).....</b>	<b>70</b>
<b>Condição Relação Positiva (“inteligente e simpático”) .....</b>	<b>71</b>
<b>Correlação entre distâncias nas MDSs .....</b>	<b>72</b>
<b>Discussão .....</b>	<b>74</b>
<b>Estudo 1.....</b>	<b>74</b>
<b>Estudo 2.....</b>	<b>78</b>
<b>Discussão Geral .....</b>	<b>83</b>
<i><b>Follow up 1 .....</b></i>	<i><b>95</b></i>
<i><b>Follow up 2.....</b></i>	<i><b>100</b></i>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>105</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>113</b>
<b>Anexo A .....</b>	<b>113</b>
<b>Anexo B .....</b>	<b>114</b>
<b>Anexo C .....</b>	<b>115</b>
<b>Anexo D .....</b>	<b>116</b>
<b>Anexo E .....</b>	<b>117</b>
<b>Anexo F .....</b>	<b>118</b>
<b>Anexo G.....</b>	<b>119</b>
<b>Anexo H.....</b>	<b>120</b>
<b>Anexo I .....</b>	<b>121</b>
<b>Anexo J.....</b>	<b>122</b>
<b>Anexo K.....</b>	<b>123</b>
<b>Anexo L .....</b>	<b>124</b>

## Resumo

Teorias Implícitas da Personalidade (TIPs) são crenças amplamente partilhadas sobre quais os traços de personalidade que tendem a coocorrer nas pessoas. A estrutura subjacente às TIPs, nomeadamente uma estrutura delineada por duas dimensões – sociabilidade e intelectualidade – foi encontrada em diversos tipos de julgamentos sociais, em diversas culturas e ao longo de várias épocas. Apesar destas evidências sugerirem uma elevada estabilidade das TIPs, a maleabilidade contextual das TIPs não foi ainda estudada de forma sistemática. Os resultados de um estudo piloto aqui apresentados indicam que as TIPs são altamente estáveis quando estudadas a nível grupal, mas bastante mais instáveis quando estudadas a nível intra-individual. De forma a estudar a maleabilidade das TIPs face ao contexto realizaram-se dois estudos em que o contexto foi manipulado numa tarefa de primação e as TIPs foram medidas numa tarefa subsequente, que os participantes acreditavam ser um estudo distinto. No estudo 1 utilizámos uma tarefa de seleção de candidatos para primar ou uma relação positiva entre traços das duas dimensões (i.e., traços positivos de uma dimensão coocorriam com traços positivos da outra dimensão), ou uma relação negativa entre os mesmos (i.e., traços positivos de uma dimensão coocorriam com traços negativos da outra dimensão). No estudo 2, a primação consistiu na apresentação de descrições de pessoas cujos traços das duas dimensões se relacionavam numa das condições positivamente e, na outra, negativamente. Em ambos os estudos, após a realização destas tarefas medimos a perceção de coocorrência de traços através de *rating-scales* e escalas pictóricas, respetivamente. Os resultados obtidos sugerem que as TIPs dos participantes se alteraram consoante as diferentes condições experimentais, ou seja, que as TIPs são maleáveis e dependentes do contexto. A relevância destes resultados, bem como as suas implicações teóricas são discutidas e possíveis estudos para follow-up desta linha de investigação são propostas.

**Palavras-chave:** Teorias implícitas da personalidade, estrutura bidimensional, dimensões fundamentais da cognição social, estabilidade, maleabilidade

### **Abstract**

Implicit personality theories (IPTs) are widely shared beliefs about which personality traits tend to co-occur in people. The structure underlying the IPTs, namely a structure outlined by two dimensions – sociability and intellectuality – was found in several types of social judgments, in diverse cultures and over several moments in time. Although these pieces of evidence suggest that IPTs are highly stable, the contextual flexibility of the IPTs has not been systematically studied. The results of a pilot study presented here indicate that the IPTs are highly stable when studied at the group level, but rather more unstable when studied at the intra-individual level. In order to study the malleability of the IPTs, two studies were conducted. The context was manipulated in a priming task and the IPTs were measured in a subsequent task, which participants believed to be a separate study. In Study 1, we used a selection of applicants task to prime either a positive relationship between traits of the two dimensions (i.e., positive traits from one dimension co-occurring with positive traits from the other dimension), or a negative relationship between them (i.e., positive traits from one dimension co-occurring with negative traits from the other dimension). In Study 2, the priming task consisted of the presentation of descriptions of people whose traits from the two dimensions formed either a positive or a negative relationship with each other. In both studies, after the completion of these tasks, we measured participants' perceptions about which traits tend to coexist using rating scales and pictorial scales, respectively. The results suggest that the participants' IPTs changed depending on the different experimental conditions, and thus that the IPTs are malleable and context-dependent. The relevance of these results, as well as its theoretical implications, are discussed and possible follow-up studies for this line of research are proposed.

**Key-Words:** Implicit personality theories, bidimensional structure, fundamental dimensions of social cognition, stability, malleability



## Agradecimentos

Podia dizer que não sei por onde começar, mas sei. À Dra. Sara Hagá por este ano que foi muito mais do que um ano de orientação: porque fez sempre mais do que aquilo que alguma vez esperei, porque se preocupa genuinamente (não só comigo, mas com todos), porque me ensinou tanto sobre as teorias, sobre os dados, mas especialmente porque me mostrou, todos os dias, concretizando, o que é ser uma boa pessoa e uma boa profissional. Por me desafiares e me assegurares que sou capaz. Sara, tu também és um *outlier*.

Ao Professor Doutor Leonel Garcia-Marques por tudo, mas em especial por, numa altura em que sentia que nada me despertava o interesse, me ter feito apaixonar pela Cognição Social. Por significar uma fonte de conhecimento tão generosa, que nunca se esgota na partilha e no humor. Tem sido uma honra.

Aos meus pais por me apoiarem sempre e em tudo. Obrigada por serem o meu porto seguro e me terem dado confiança para construir o meu próprio caminho.

À minha avó por celebrar cada passinho que dou sempre com tanto entusiasmo, por me ter ensinado a magia de ler e conhecer o mundo. Por respeitar o meu período de clausura, e, em vez de telefonar, me mandar as melhores mensagens e me aquecer o coração.

Ao Grupo de Cognição Social por nos terem acolhido tão calorosamente, estarem sempre disponíveis, nos motivarem e mostrarem quais os próximos passos a experimentar.

Aos meus colegas, Maria Luís e Tiago, por tudo o que passámos juntos, por me terem acalmado tantas vezes e ajudado na distribuição de trabalho “porque eu estava cheia de cenas”. Nunca me vou esquecer, obrigada.

Às minhas amigas e ao meu Kaló, por me lembrarem do que é importante, por mostrarem que as minhas vitórias são as nossas – e serão sempre, obrigada.

À Clara, por ser um exemplo, na tese e na vida.

O mundo em que vivemos está marcado pela diversidade. Partilhamos tantas características e, ainda assim, diferimos tanto nas nossas idiossincrasias. O espectro da diferença é tão grande, a variedade é tanta, que a realidade, sem estratégias que a simplificassem, poderia tornar-se caótica e incompreensível. Muitas vezes deparamo-nos com diferenças que não estão bem delimitadas, e dentro de diferenças maiores encontramos outras. Se não conseguíssemos reconhecer, diferenciar e categorizar aspetos tão particulares aos seres humanos como traços de personalidade, como nos poderíamos mover num mundo em que é crucial descodificar intenções, saber distinguir quem ameaça de quem protege e, na verdade, quem tolera e o que tolera?

Para conseguirmos identificar, comparar, distinguir e memorizar o que caracteriza os outros temos de ser capazes de os conhecer como pessoas – Quais os seus comportamentos, ideias e valores? Quais os seus traços de personalidade? Que outros traços de personalidade estão frequentemente associados aos manifestados? Que impressão a pessoa suscita?

Formar uma impressão de alguém é isso mesmo, um processo em que se organiza a informação disponível acerca de alguém e se integra essa informação numa categoria (ou categorias) significativa para nós. Para que, partindo de pouca informação, possamos formar uma impressão geral da pessoa, temos de possuir alguma estrutura de conhecimento que nos esclareça sobre as relações entre os (inúmeros) traços de personalidade: as Teorias Implícitas da Personalidade (TIPs).

O estudo das Teorias Implícitas da Personalidade tem sido desenvolvido há várias décadas e muito se sabe acerca de, por exemplo, a sua estrutura, o seu carácter universal e intemporal, mas, por outro lado, muito pouco se sabe em relação à sua estabilidade temporal e da possibilidade (ou não) de estas serem moldadas pelo contexto. É, então,

com o propósito de explorar o quão estáveis poderão ser as TIPs e, por outro lado, quão maleáveis a situações recentes estas poderão ser, que se propõe este trabalho.

De forma a enquadrar teoricamente os dois estudos que constituem o meu projeto de mestrado, na introdução exponho brevemente: 1) estudos clássicos sobre formação de impressões e os efeitos identificados nestes (Efeitos de Asch, 1946); 2) as Teorias Implícitas da Personalidade, a sua estrutura e o que caracteriza essa estrutura (quais e quantas dimensões), a sua representação e as explicações que esta pode oferecer aos efeitos anteriormente descritos; 3) uma ponte entre estas e outras estruturas de conhecimento (estruturas de conhecimento semântico e categorias sociais) cuja estabilidade/instabilidade já foi estudada..

Para além disso, descrevo um estudo, conduzido no laboratório de Leonel Garcia-Marques, que serviu de base para a elaboração dos dois estudos deste projeto – estudo 1 e estudo 2. Ambos os estudos visam investigar a maleabilidade das TIPs ao contexto. Este contexto é manipulado com uma tarefa de primação e as TIPs são medidas numa segunda tarefa de avaliação das TIPs, sendo que o que distingue os dois estudos são as metodologias empregues tanto na fase de primação como na fase de medida das TIPs. Os resultados destes dois estudos são descritos e discutidos, assim como as conclusões que estes permitem formular acerca da estabilidade e sensibilidade ao contexto destas estruturas de conhecimento. Por fim, são propostas novas ideias de investigação acerca deste tema na secção de Follow-up.

### **Enquadramento Teórico**

*Nunca me tinha cruzado com a Clara. Quando cheguei à sala, ela sorriu e segurou a porta para que eu entrasse. Cumprimentou-me amigavelmente e perguntou-me se estava bem. Que simpática e agradável é a Clara pensei eu... De certeza que, quando precisar de alguma coisa, é a ela que vou pedir. Parece-me tão acessível e solícita. Mas... Porque será que por ser simpática também acredito que seja prestável e generosa?*

### **A Magia da Formação de Impressões**

Todos os dias somos assoberbados pela novidade. Quer estejamos a conhecer alguém novo, quer estejamos a redescobrir amigos de longa data, cada encontro parece ser capaz de transmitir-nos características díspares, sensações por vezes contraditórias e até surpreendentes. A intuição é a de que pensamos sobre cada uma dessas pessoas, em cada momento, de forma diferente, e que processamos cada um desses novos elementos interpretando-os (ainda que de uma forma impercetível para nós) e esforçando-nos sempre para reunir essa nova informação com aquela que tínhamos reservada sobre essa pessoa.

Esta é a magia da formação de impressões - talvez o processo mais importante para que nos adaptemos ao mundo social – estamos constantemente a inferir características psicológicas (traços) sobre os outros para que consigamos compreender e antecipar como estes irão provavelmente agir, quais as suas motivações e objetivos (Hamilton, 1986).

De que outra forma poderia eu determinar quase imediatamente se a Clara – ou qualquer outro desconhecido - constituiria uma ameaça para mim ou quais as suas intenções, se não fosse capaz de ter informação acerca do seu carácter sem precisar de a conhecer exaustivamente?

A verdade é que o mundo em que vivemos está recheado de estímulos, uns simples, outros complexos, uns que nos são agradáveis, outros possivelmente hostis, e é importante que consigamos identificá-los, diferenciá-los e memorizá-los sem que para isso tenhamos que ficar sobrecarregados cognitivamente. Já Fiske, Cuddy e Glick (2006) alertavam para o facto de a percepção social refletir pressões evolutivas. Se pensarmos nas exigências sociais ao longo dos tempos, percebemos a importância de, por um lado, decodificar intenções e, por outro, conseguir antever a capacidade que os outros têm para agir sobre essas intenções.

Assim, de forma a conseguirmos relacionar-nos com os outros, é necessário não só adquirir informação sobre eles, mas também poder formar uma conceção da sua personalidade através da recolha de elementos tais como os seus traços de personalidade, comportamentos, gostos, interesses e capacidades (Ostrom, Lingle, Pryor & Geva, 1980).

Mas o que fundamentará este processo? Como serão estruturadas as impressões que criamos acerca de alguém?

Asch, em 1946, colocou estas mesmas questões como mote para a sua investigação. Este concebeu as impressões de personalidade como sendo representações coerentes e integradas, e propôs que o processo inferencial ocorre na formação de impressões. Neste sentido, partindo de um princípio diferente da investigação realizada até então, Asch começou por - em vez de estudar a qualidade dos juízes de personalidade ou a presença de enviesamento nas respostas (estudados até então) - compreender quais os processos psicológicos que estão inerentes ao processo de formação de impressões (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004). Para tal, desenvolveu um conjunto de dez experimentos levando em conta duas questões pertinentes há muito: «como é possível formar uma impressão de personalidade unificada e coerente apenas tendo como base

traços individuais de personalidade?» e «que princípios regulam este processo de integração de traços?».

Parece-me importante referir que os estudos de Asch respeitavam um delineamento geral que se dividia em 3 tarefas principais: na primeira, era pedido aos participantes que descrevessem a impressão que formavam sobre uma determinada pessoa (o alvo) a partir da apresentação de uma lista de atributos - traços de personalidade – pertencentes a esse mesmo alvo. Seguidamente, era pedido aos sujeitos que avaliassem os atributos apresentados nessa lista segundo a importância que estes tiveram para a formação da impressão e os ordenassem segundo este mesmo critério. Por último, era apresentada aos sujeitos uma lista com pares de atributos opostos e era pedido que escolhessem o traço de cada par que melhor se adequasse às impressões desenvolvidas (Asch, 1946; Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004).

Uma das conclusões mais importantes dos seus estudos prende-se com a constatação de que apenas com a apresentação de traços de personalidade, os participantes foram capazes de formar representações unificadas que refletiam uma impressão de personalidade global, que é mais do que a soma dos presentes traços. Os estudos de Asch (1946) permitiram o conhecimento mais profundo acerca das características das impressões de personalidade, nomeadamente, permitiram esclarecer que estas não refletem a seleção de fragmentos individuais da informação conservada acerca de alguém, mas refletem sim o resultado da interação da informação numa imagem total da pessoa (Hamilton, 1986).

Asch (1946) conseguiu identificar quatro fatores principais que lhe pareciam exercer influência no processo de formação de impressões. Estes fatores são descritos como efeitos principais de Asch.

Um destes efeitos é o efeito de centralidade (experimentos 1 a 6). Este efeito foi enunciado tendo como base o testemunho de que, no processo de formação de impressões de personalidade, um traço podia ter mais peso que os restantes. Está aqui presente a ideia de que alguns traços podem assumir um papel primordial na formação de impressões, tendo maior impacto que outros, considerados traços mais secundários. Mas como conseguiu Asch encontrar este efeito?

Num dos seus experimentos (o primeiro) dois grupos de participantes ouviam uma de duas descrições possíveis de um alvo; cada descrição continha exatamente os mesmos traços com a exceção do traço situado no centro das descrições. Desta forma, um grupo ouvia os traços “inteligente - hábil - trabalhador - *caloroso* - determinado - prático - prudente” e o outro grupo escutava os traços “inteligente - hábil - trabalhador - *frio* - determinado - prático - prudente”. Após terem ouvido a lista de traços, os participantes faziam uma breve descrição da personalidade do alvo. Depois desta tarefa, era apresentada aos participantes uma lista com 18 pares de traços opostos (e.g., generoso - sovina; sociável - insociável; popular - impopular; frívolo - sério; forte - fraco) e estes deviam escolher de cada par, o traço que mais se adequava à impressão que tinham formado acerca do alvo.

Quando olhou para os resultados deste experimento, Asch (1946) apercebeu-se de que os participantes que tinham tido acesso à descrição com o traço caloroso, realizaram descrições muito mais positivas do que os participantes que tinham ouvido a descrição com o traço frio. Já quando eram omitidas das descrições as palavras *caloroso* e *frio* mas este par era adicionado à lista, 41% dos participantes julgou o alvo como sendo caloroso enquanto 59% julgou o traço como sendo frio baseando os outros julgamentos de traço nesta inferência. Estes participantes obtiveram, assim, resultados semelhantes aos participantes que no experimento 1 tinham tido acesso à descrição com o traço caloroso

e à descrição com o traço frio, respetivamente. No entendimento de Asch, estes resultados vinham confirmar que os traços caloroso e frio eram tão fulcrais para a formação da impressão que, mesmo quando não estão presentes, são inferidos de forma a ser construída uma impressão de personalidade unificada. Este acrescenta ainda que esta qualidade dos traços poderia, no entanto, ser alterada através da modificação do contexto, ou seja, modificando os outros traços presentes. Conclui então que os traços centrais não adicionam, simplesmente, uma nova característica; em vez disso, estes traços transformam, de alguma forma, os outros atributos. O facto de a troca de um único traço ter consequências tão substanciais constituía, para Asch, uma ilustração da natureza holística das impressões de personalidade. De acordo com Garcia-Marques e Garcia-Marques (2004), se as impressões de personalidade fossem resultado apenas de uma mera adição de atributos independentes, dificilmente se poderia prever que a troca de um único atributo produzisse tais consequências.

Outro dos efeitos descobertos por Asch (1946) foi o efeito de mudança de significado (experimento 4). Como o próprio nome indica, este efeito prende-se com a “capacidade” / “passividade” de um atributo mudar de significado em função do contexto em que se insere, isto é, em função dos outros atributos com que é apresentado. Os traços (centrais) caloroso e frio foram interpretados de forma distinta pelos participantes dos estudos de Asch apenas pela alteração dos traços que os acompanhavam. Este resultado sugeria, então, que conteúdo das características que formam a base de uma impressão depende parcialmente do ambiente formado pelas outras características e das suas relações mútuas. Deste modo, um mesmo atributo, o seu papel ou a sua função na impressão geral, pode assumir diferentes significados à interação existente entre os elementos que contribuem para a formação de impressão.



Asch (1946; experimentos 6 a 8) verificou que depois de apresentadas duas listas aos participantes constituídas pelos mesmos atributos (positivos e negativos) mas numa ordem inversa, as impressões de personalidade formadas eram marcadamente diferentes. Este efeito foi denominado efeito de primazia, que pressupõe que os primeiros traços de personalidade a serem percebidos guiam todo o processo de formação de impressões e influenciam grandemente a interpretação dos restantes traços (Asch, 1946; Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004). Ou seja, se me apresentarem alguém descrevendo essa pessoa através dos traços caloroso, inteligente, trabalhador e rude, a minha impressão de personalidade final será consideravelmente mais positiva do que se essa descrição me for transmitida na ordem inversa, sendo que o traço rude - agora apresentado primeiramente - iria guiar todas as inferências que construo sobre essa pessoa, enquanto que os traços que foram apresentados posteriormente simplesmente tenderiam a encaminhar-se no sentido da congruência com a impressão formada inicialmente. Deste modo, em vez de relacionar essa pessoa com, por exemplo, traços como “bondoso”, “amigável” e “generoso”, inferiria outros traços como “frio”, “arrogante” e “indelicado”.

Finalmente (nos experimentos 9 e 10) foi identificada a natureza holística da formação de impressões de personalidade. Esta natureza traduz-se na noção de que o que permite que os traços de personalidade assumam significado é a combinação desses traços com outros. Isto é, o alvo é notado pelo percipiente como uma unidade (Asch, 1946) e a impressão só pode ter sentido através da assimilação das características desse alvo como um todo que não pode ser analisado através de elementos isolados (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004).

Tomando em consideração estes princípios, podemos estabelecer que, quando conhecemos alguém, a informação é constantemente influenciada pela informação que já tínhamos dessa pessoa e pela informação nova que possamos obter, e que a informação

que nos é apresentada primeiro parece ter mais peso para a nossa impressão final. Regressando ao exemplo da Clara.... *Imaginemos que, à saída da faculdade, eu via que a Clara entrava para o autocarro sem pagar o bilhete e se sentava num lugar destinado a passageiros com necessidades especiais. Numa tentativa de integrar esta nova informação e adaptá-la à que tinha disponível - integração inferencial – poderia pensar que a Clara, simpática e amável, poderia também ser distraída e algo aérea. Considerar este comportamento como resultado de um traço que, para mim, não é totalmente negativo, ou não reflete uma intenção malévola, faria com que este fosse mais congruente com a impressão inicial que tinha dela. Assim, tentaria justificar as suas ações pela distração, o que, cognitivamente, seria mais fácil e menos exigente para mim do que lidar com o desconforto da ambivalência de julgar que esta era, sim, muito simpática, mas insensível e desonesta.*

### **As Teorias Implícitas da Personalidade**

*Repare-se que, ainda assim, nada me foi dito acerca da honestidade – desonestidade da Clara ou sobre a sua sensibilidade relativamente aos outros (ou falta dela). Por que motivo me parece tão difícil conceber que esta seja simpática, mas desonesta e insensível?*

O que parece acontecer é que, ao formar uma impressão, construo, a priori, por um lado, fortes expetativas acerca da probabilidade de certos traços se associarem com os que já me foram transmitidos e, por outro lado, essas expetativas deverão ser sustentadas por representações mentais relacionadas com a forma como acredito que os traços de personalidade do meu alvo - a Clara - se associam. Mas que representações mentais podem ser essas?

‘ Bruner e Tagiuri (1954, citados por Ferreira et al, 2011) explicam que só é possível que se infiram traços de personalidade sobre os outros porque possuímos as chamadas

“Teorias Implícitas da Personalidade” (TIPs). Se apenas através de uma demonstração de cuidado e simpatia por parte do meu alvo, eu já me sinto capaz de inferir outros traços sobre os quais não fui informada, então devo possuir algum tipo de crença (teoria) sobre a forma como acredito que diferentes traços de personalidade tendem a coocorrer num mesmo indivíduo. Só a partir desta teoria posso julgar a probabilidade de outros traços serem ou não percebidos no futuro.

Na verdade, as Teorias Implícitas da Personalidade podem ser definidas como isso mesmo, crenças ou teorias que são amplamente partilhadas sobre a forma como acreditamos que diferentes traços de personalidade tendem a coocorrer num mesmo indivíduo. Assim, só inferimos algo sobre os outros porque possuímos um conjunto de expectativas, isto é, um “sistema de codificação” sobre a natureza das pessoas que foi construído através da nossa experiência com o comportamento dos outros (Bruner & Tagiuri, 1954).

Segundo estes autores, o que suporta tais expectativas relacionadas com os outros é a ideia de que o seu comportamento deve ser consistente com o que já foi exteriorizado anteriormente – consistência do comportamento. Isto é, quando alguém tem determinado comportamento ou age de uma determinada maneira, este comportamento não é percebido pelos outros como independente, mas sim como resultado da interação de muitos outros fatores e também como pista para determinar condutas futuras.

Assim, podemos concluir que as pessoas não formam impressões sobre terceiros utilizando, unicamente, a informação disponível no momento. “Os perceptores vão para além da informação disponível, interpretando-a, completando-a e fazendo inferências a partir dela” (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004).

Concomitantemente, o significado de um traço pode ser interpretado segundo as inferências positivas e negativas que podem ser feitas em relação a outros traços. Cada uma destas inferências vai influenciar o significado do traço, adicionando uma nova faceta ao seu “significado” (Bruner et al., 1958).

Desta forma, as crenças ou teorias que criamos acerca dos outros obedecem a alguns princípios, sendo um deles o princípio da consistência avaliativa.

### **TIPs a uma dimensão – Princípio da consistência avaliativa**

As inferências que construímos provêm, como já referi, da nossa experiência que se organiza e estrutura de forma a facilitar o processamento posterior de nova informação.

O princípio da consistência avaliativa pode ser explicado através desta ideia. Ou seja, a percepção de determinada informação fará com que seja construída uma impressão sobre determinado alvo e, esta impressão não é apenas uma enumeração descritiva de traços, mas também uma qualificação destes mesmos traços. Quando se dá um novo processamento de informação sobre o mesmo alvo, esses novos traços serão incluídos na impressão no sentido de esta suscitar inferências consistentes com a avaliação previamente efetuada.

Neste sentido, o princípio da consistência avaliativa foi desde cedo formulado como o princípio fundamental de inferência (Brown, 1986; Ferreira et al, 2011). Peabody (1967, citado por Garcia-Marques, 2004) propôs uma distinção entre as aceções denotativa e avaliativa de um traço de personalidade que veio depois também a ser utilizada por Brown (1986). A aceção denotativa corresponde à natureza descritiva do traço e a avaliativa à apreciação do traço, sendo que para cada aceção denotativa existem duas versões avaliativas contrárias. A aceção avaliativa do traço é selecionada de acordo com o princípio de consistência avaliativa e, de acordo com este princípio, as pessoas

tenderão a inferir traços da mesma valência, ou seja, tenderão a inferir traços positivos de traços positivos e traços negativos de negativos (Brown, 1986).

De forma a tornar mais claro o critério da escolha da aceção avaliativa, consideremos, novamente, o exemplo da Clara - que não pagou o bilhete e se sentou num lugar destinado a pessoas com necessidades especiais – aceção denotativa – para esta situação podem ser utilizados traços positivos ou negativos dependendo se gostamos ou não da Clara e em que “sentido” (positivo ou negativo) vai a imagem criada sobre ela. Se for positiva, podemos pensar apenas que é distraída, mas, por outro lado, se for negativa, podemos considerá-la descuidada ou desleixada. Deste modo, quando somos confrontados com nova informação acerca de um alvo, esta é interpretada no sentido de favorecer a consistência avaliativa.

A dimensão avaliativa das TIPs assume um carácter muitíssimo robusto. Quer se faça variar o tipo de pessoa que avalia ou do tipo de alvo que é avaliado (Brown, 1986) o tipo de metodologia utilizada (Bruner et al., 1958 citados por Brown, 1986; Podell, 1961; Schneider, 1973 citados por Ferreira et al, 2011); a quantidade e complexidade de traços usados (Digman & Takemoto-Chock, 1981 citados por Brown, 1986 e Ferreira et al, 2011) ou os métodos estatísticos empregues (Powell & Juhnke, 1983 citados por Brown, 1986 e Ferreira et al, 2011) o princípio de consistência avaliativa é consistentemente identificado e replicado.

Por todos estes motivos, o princípio da consistência avaliativa foi considerado por Brown como a mais básica, pura e primitiva Teoria Implícita da Personalidade (Brown, 1986; Ferreira et al, 2011). No entanto, e apesar de a sua dimensão avaliativa constituir uma importante propriedade da maneira como julgamos e representamos a personalidade dos outros, se tomarmos apenas em consideração esta dimensão como única

“estruturadora” das teorias implícitas da personalidade, podemos estar a tomar uma versão redutora e simplista da percepção dos outros.

### **TIPs a duas dimensões – A representação de Rosenberg e colaboradores**

Neste sentido, Rosenberg e colaboradores (1968) vêm acrescentar um contributo marcante ao caracterizarem os traços e as impressões de personalidade como multidimensionais.

Anteriormente, outros autores, Passini e Norman (1966), propuseram que as pessoas possuem uma conceção universal da estrutura de personalidade, mas não particularizaram que configuração teria essa estrutura. É, no entanto, importante referir que estes sugeriram que os indivíduos parecem manter um tipo de crença (ou seja, uma Teoria Implícita da Personalidade) que permite que percebam que determinados agrupamentos de traços tendem, invariavelmente, a coocorrer nas pessoas.

Assim, Rosenberg e colaboradores (1968) ambicionavam, por um lado, descobrir como poderia ser estruturada a relação percebida entre traços desconfiando, provavelmente, que esta não deveria depender apenas de uma dimensão ou obedecer apenas ao princípio da consistência avaliativa e, por outro lado, estavam também descontentes com os métodos utilizados até à data para estudar os efeitos encontrados por Asch (1946). Desta forma, e por estes motivos, estes investigadores propuseram-se a mapear a estrutura multidimensional da personalidade.

Para tal, selecionaram um conjunto diversificado de traços de personalidade que os participantes usaram, posteriormente, para caracterizarem pessoas que conhecessem.

Neste estudo participaram 69 sujeitos a quem foi pedido que tendo em mente pessoas reais que conhecessem, agrupassem 64 traços em 10 categorias distintas, sendo que cada categoria seria representativa de uma pessoa diferente. Estes traços foram

selecionados a partir dos estudos de Asch (1946), Wishner (1960) e das listas de Anderson (1965, citado por Rosenberg et al, 1968) de forma a contrabalançar toda a lista de traços em termos dos seus valores numa dimensão avaliativa.

Desta forma, nesta tarefa cada traço não poderia estar presente em mais do que uma categoria ou agrupamento. Quando os participantes terminavam a tarefa de junção de traços, foi calculada uma medida de dissociação de traços. Esta medida representava a proporção de participantes que consideraram os traços como pertencentes à mesma categoria por oposição ao número total de participantes (Ferreira et al, 2011). Ou seja, aos 69 participantes do estudo eram subtraídos os que acreditavam que aqueles traços pertenciam à mesma pessoa. Com base nesta medida foram criadas matrizes (matrizes de dissociação).

Este conjunto de itens foi posteriormente submetido a uma técnica de análise de dados recente na altura: a técnica de Escalonamento Multidimensional (*MDS*). Esta técnica permite que a relação ou associação entre traços seja representada geometricamente pela proximidade (ou distância) entre os pontos que os representam. Ou seja, a *MDS* permite que distância entre cada par de traços representados no espaço multidimensional corresponda à medida empírica de associação psicológica dos traços nas TIPs.

Esta associação psicológica traduz a relação de proximidade entre os traços de personalidade, na medida em que traços que se encontram mais próximos são considerados pelos participantes como mais prováveis de coocorrerem na mesma pessoa. Desta forma esta proximidade não parece ser entendida pelos autores como representativa da semelhança semântica entre os traços (sinonímia).

Quando se procede com a técnica de análise de *MDS* é possível estimar a dimensionalidade apropriada dos dados em questão. Ou seja, por um lado, é importante que se procure manter o número mínimo de dimensões, por outro lado, o programa possibilita que sejam apresentadas soluções apenas a uma dimensão, a duas, a três, etc., sendo que o que é importante garantir é que a representação dos dados não apresenta grande distorção do real. A medida que traduz o grau de ajustamento dos dados (ou distorção) é a chamada medida de *stress*, que deverá compreender valores o mais baixos possível. De acordo com Kruskal, o autor que desenvolveu a técnica de *MDS*, valores de *stress* inferiores a 10% seriam satisfatórios e confirmariam que a solução poderia ser aceite pelos investigadores. Ora, a análise dos resultados de Rosenberg e colaboradores (1968), demonstrou que a solução bidimensional tinha um valor de *stress* de 9% e a solução tridimensional tinha um de 6%, concluindo estes que a representação a duas dimensões seria a mais adequada ainda que não tivesse o valor de *stress* mais baixo, como explicarei mais à frente.

Isto porque a solução bidimensional permitia que fossem identificados quatro quadrantes diferentes no que diz respeito ao significado dos traços. Dois desses quadrantes possuíam traços de uma dimensão e outros dois de outra. Estas dimensões são quase independentes, e enquanto uma se refere a características sociais da personalidade, e outra é mais ligada a características intelectuais. Quando analisamos a figura apresentada pelos autores, podemos observar que um pólo da dimensão social é estabelecido por traços de avaliação positiva como sincero, tolerante e prestável (pólo positivo) e outro pólo com traços de avaliação negativa como impopular, austero e insociável (pólo negativo). A segunda dimensão representa, como já referi, características intelectuais, diferenciando traços como hábil, trabalhador e determinado (pólo positivo) de traços como insensato, pouco inteligente e frívolo (pólo negativo).



Os dois eixos não formam um ângulo completamente perpendicular sugerindo que os traços distribuídos pelos pólos positivos e negativos de cada dimensão estão tenuemente relacionados (Ferreira et al, 2011). Para além destas duas dimensões, os autores reconheceram, como referi, uma terceira dimensão que foi percebida como uma dimensão de atividade ou passividade. Ainda que o acrescento desta dimensão solução resulte num valor de *stress* ser mais baixo (6%), este não modifica a disposição das dimensões intelectual e social, sendo este novo ajustamento fraco.

Esta estrutura bidimensional proposta por Rosenberg e colaboradores (1968) demonstrou ser a mais consistente, coerente e harmoniosa, tendo esta conceção da representação das TIPs em duas dimensões – social e intelectual – sido validada em diversos estudos subjacentes ao julgamento social (e.g., Abele & Wojciszke, 2007; Abele, Cuddy, Yzerbyt, & Judd, 2008; Cuddy, Fiske, & Glick, 2008; Lydon, Jamieson, & Zanna, 1988; Reeder & Brewer, 1979; Wojciszke, 2005; Zanna & Hamilton, 1972). Segundo Ferreira e colaboradores (2011), Rosenberg replicou esta estrutura utilizando diferentes tipos de julgamentos e também outro tipo de técnicas estatísticas e constatou que, mesmo modificando estes fatores, obtinha consistentemente estas duas dimensões (Gara & Rosenberg, 1981; Rosenberg & Jones, 1972; Rosenberg & Olshan, 1970; Rosenberg & Sedlak, 1972 citados por Ferreira et al, 2011).

Para além das contribuições mencionadas, a configuração bidimensional reconhecida pelos autores confere argumentos para uma reinterpretação dos resultados obtidos por Asch (1946) e dos efeitos que o mesmo difundiu. Mais especificamente, no que diz respeito ao efeito de centralidade na experiência “caloroso-frio” é importante perceber que todos os traços comuns às duas listas utilizadas nesta experiência são de valência positiva e pertencem à dimensão intelectual, enquanto os traços “caloroso” e “frio” têm valores muito semelhantes (quase neutros) nesta dimensão. Ou seja, para além

de estas serem as únicas informações relativamente à dimensão social, a substituição de “frio” por “caloroso” (ou vice-versa) representa uma alteração entre dois extremos opostos da dimensão social, sendo traços contrastantes e extremos, posicionados em pólos opostos (Rosenberg et al, 1968). Assim, é previsível que esta mudança transforme a impressão final do alvo uma vez que influencia toda a percepção das características sociais do mesmo.

Desta forma, a representação multidimensional de Rosenberg e colaboradores (1968) permitiu reanalisar os traços centrais como sendo aqueles que mais contribuem para a definição da dimensão social e intelectual ao surgirem ao longo dos eixos e afastados do centro do mapeamento. De acordo com Garcia-Marques e Garcia-Marques (2004) em vez de traços centrais, a ideia seria a de que, por trás das impressões de personalidade que formamos espontaneamente, estão presentes dimensões centrais. Para além disso, os traços (ou dimensões) centrais são independentes já que ao posicionarmos um indivíduo, por exemplo, na dimensão intelectual, isto nada nos diz sobre o seu posicionamento na dimensão social (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004).

Por último, o efeito da manipulação caloroso-frio é também explicado pelos resultados deste estudo. A maioria dos pares de atributos da lista de verificação de Asch (1946) que sofreram um maior impacto com a manipulação dos traços caloroso e frio pertencem à dimensão social (por exemplo, generoso - não generoso, infeliz - feliz, irritável - bondoso) o que significa que quando não existem mais informações relevantes sobre a dimensão social da personalidade do sujeito (Asch, 1946), o que acontece é que os participantes escolhem os pares de atributos da lista de verificação com base no único atributo social disponível – o traço caloroso ou o traço frio – seleccionando os atributos mais fortemente associados com caloroso ou frio (Rosenberg et al, 1968). Isto implica que a centralidade dos traços é devida ao contexto dos outros traços presentes e o seu

impacto será maior quanto menor for a informação existente em relação à dimensão a que esses traços dizem respeito (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004).

O efeito de primazia proposto por Asch (1946) constitui outro fator que pode ser interpretado à luz da abordagem multidimensional de Rosenberg e colaboradores (1968). Na verdade, as escolhas de traços da lista fornecida aos participantes do experimento de Asch (1946) podem ser relacionadas com as posições desses traços na lista em relação às posições dos traços-estímulo (e.g., determinado, hábil, trabalhador) na configuração bidimensional de Rosenberg e colaboradores (1968). Os pares de traços opostos presentes na lista de controlo de Asch foram ordenados no estudo de Rosenberg e colaboradores e eram representados em quadrantes opostos. Assim, os primeiros traços que surgem de cada dimensão têm maior influência na formação da impressão acerca de um alvo pois é esta a informação que permite situar o alvo num dos quatro quadrantes da estrutura multidimensional das TIPs (Rosenberg et al, 1968). Assim, a partir do momento que o alvo está categorizado dentro da dimensão é possível associar o traço apresentado com outros traços que, na representação proposta pelos autores, estão próximos deste, sendo estes os traços mais prováveis de coocorrer no alvo.

Graças ao mapeamento da TIP numa estrutura multidimensional, o estudo da formação de impressões de personalidade evoluiu das ideias iniciais do gestaltismo de Asch para o debate da relação entre os traços e a sua representação em estruturas multidimensionais.

### **As dimensões fundamentais da Cognição Social**

Como temos vindo a explorar até agora, o estudo das dimensões presentes no julgamento social foi iniciado por Rosenberg e colaboradores (1968) com a proposta de que duas dimensões (intelectual e social) estariam subjacentes ao processo de formação de impressões de personalidade.

Os primeiros modelos de personalidade postularam uma estrutura circumplexa na qual os traços de personalidade se dispunham num espaço bidimensional (e.g. Freedman, Leary, Ossorio, & Coffey, 1951; Wiggins, 1979). Este espaço bidimensional foi encontrado em vários tipos de julgamento social como a percepção de pessoas, de grupos e mesmo na auto-percepção (Abele & Wojciszke, 2007; Cuddy, Fiske & Glick, 2008; Dubois & Beauvois, 2005; Fiske, Cuddy, Glick, 2007; Judd, James-Hawkins, Yzerbyt e Kashima, 2005; Paulhus & John, 1998; Peeters, 1992, 2008; Peeters & Czapinski, 1990; Phalet & Poppe, 1997; Rosenberg, Nelson & Vivekananthan, 1968; Wiggins, 1979).

Ao longo de diversos estudos foram atribuídos diferentes títulos ao conteúdo destas duas dimensões variando consoante o objetivo do estudo proposto ou da abordagem dos autores. Por exemplo, as designações de *warmth* e *competence* são normalmente atribuídas pelos autores a investigações sobre estereótipos ou percepção de grupos (e.g., Fiske, Cuddy & Glick, 2007; James-Hawkins, Judd, Kashima & Yzerbyt, 2005); no caso da investigação sobre o *self* ou o género são denominadas de *agency* e *communion* (e.g., Abele & Bruckmuller, 2013) ou, no caso da percepção interpessoal, de *morality* e *competence* (Wojciszke, 2005 citado por Ferreira et al, 2011). *Expressiveness* e *instrumentality* são os termos escolhidos por Parsons & Bales (1955), *social desirability* e *social utility* por Dubois e Beauvois (2005) e ainda *socio-morality* e *taskability* por Ybarra, Chan, Park, Burnstein, Monin & Stanik (2008). No entanto, apesar das diferentes designações, as dimensões referem-se, geralmente, ao mesmo tipo de julgamentos (Ferreira et al, 2011), sendo consideradas dimensões fundamentais.

Quando analisamos qualquer um destes estudos podemos verificar que, apesar de utilizarem definições diferentes para estas dimensões, o significado que encerram é semelhante: podemos encontrar uma dimensão cujo conteúdo reflete características

sociais, morais e interpessoais e uma outra que nos remete para a competência, o grau de intelectualidade, status, etc.

Mais especificamente, a primeira dimensão (e.g., *warmth*, *communion*, *morality*), assim como na abordagem de Rosenberg e colaboradores (1968), é representada por traços sociais de valência positiva - como “caloroso” e “amigável” - e por traços sociais de valência negativa - tal como “frio” e “desonesto” (Ferreira et al, 2011). Relativamente à segunda dimensão, esta é representada por traços concernentes à capacidade ou eficiência para a ação. Exemplos de traços positivos desta dimensão são “competente” e “assertivo” e de traços negativos “passivo” e “preguiçoso” (Ferreira et al, 2011).

Estas dimensões são consideradas fundamentais porque aquando da formação de impressões, as componentes sociais e intelectuais funcionam como dimensões básicas que permitem descrever os indivíduos na sua totalidade (Fiske et al, 2007).

Segundo Fiske e colaboradores (2007), ainda que estas duas dimensões desempenhem papéis fundamentais nos julgamentos sociais, a dimensão social é considerada basilar na medida em que contempla vários efeitos: engloba mais variação nas classificações de traços (Abele & Wojciszke, 2007); é reconhecida mais rapidamente (Ybarra, Chan & Park, 2001); abrange um maior poder de constrangimento sobre os julgamentos da outra dimensão do que o inverso (Yzerbyt, Kervyn & Judd, 2008). Outros autores sugerem ainda que a dimensão social é tida como contentora de maior peso nas reações comportamentais e afetivas (Cacioppo, et al, 1997; Peeters, 2001, citados por Fiske et al, 2007).

Do ponto de vista da evolução, estas duas dimensões parecem exercer um papel funcional na medida em que ambas refletem respostas a desafios enfrentados ao longo da evolução humana (Cacioppo, et al, 1997; Peeters, 2001 citados por Fiske et al, 2007).

Ao longos de milénios, a nossa espécie deparou-se com dois desafios principais para a sobrevivência: o primeiro é definido pela necessidade de nos ligarmos aos outros e sermos aceites, enquanto que o segundo é o de desenvolvermos e manifestarmos competências, inteligência e estatuto, dadas as oportunidades disponíveis.

Já Aristóteles postulava que “O Homem é por natureza um animal social”, sendo uma das suas principais motivações a de evitar a rejeição e, ao mesmo tempo, conectar-se e relacionar-se com os outros e com o grupo a que pertence (ou deseja pertencer). Essa necessidade leva a procura de aceitação e comunhão social e, para isso, é importante ser um bom membro do grupo, independentemente da situação ou contexto. Deste modo, a dimensão que se refere à sociabilidade é primordial para a compreensão de comportamentos e características da personalidade dos outros, tais como honestidade e bondade. Como a vida em grupo implica uma convivência próxima, confiança e dependência dos outros, parece ser mais relevante analisar informação social do que monitorar características referentes à competência e ação uma vez que esta reflete a pretensão (ou não) que os outros expressam para retribuir, comprometer-se e respeitar as normas sociais (Ybarra, 2002; Ybarra & Stephan, 1996, 1999).

Esta dimensão social possibilita, além do mais, a criação de códigos de moralidade e a distinção do que é considerado certo ou errado nas relações interpessoais (Ybarra, Chan, Park, Burnstein, Monin & Stanik, 2008). Neste sentido, a dimensão social parece ter primazia em relação à dimensão intelectual visto que a disposição de uma pessoa para o bem ou para o mal terá maior peso para a sobrevivência do que se a pessoa tem condições para agir sobre essas intenções.

Assim sendo, os julgamentos de moralidade (sociais) determinam as tendências sociais de aproximação ou evitamento precedendo assim, os julgamentos de competência ou eficácia (Reeder et al, 2001 citado por Fiske et al 2007).

De acordo com Rosenberg e colaboradores (1968) e Zanna e Hamilton (1972 citados por Fiske et al, 2007) quando as pessoas tendem a julgar os alvos, as dimensões sociais e intelectuais parecem correlacionar-se de forma positiva (como pode ser observado pela não ortogonalidade dos eixos da representação bidimensional de Rosenberg e colaboradores) ou seja, é esperado que as pessoas associem traços com a mesma valência pertencentes às duas dimensões. Todavia, quando o julgamento se debruça sobre grupos sociais, estas duas dimensões correlacionam-se de forma negativa parecendo haver uma necessidade de compensação. Ou seja, se um grupo for julgado como elevado na dimensão social, terá uma avaliação mais baixa na dimensão intelectual e vice-versa, sendo que estas diferenças terão implicações importantes nas respostas afetivas e comportamentais dos grupos (Yzerbyt et al, 2005 citado por Fiske et al, 2007).

A investigação realizada até ao presente momento parece não só corroborar a proposta de Rosenberg e colaboradores (1968) de que existem duas dimensões importantes em cognição social, como parece que estas duas dimensões são extensíveis a outros domínios para além da formação de impressões.

Em suma, a estrutura destas teorias implícitas da personalidade está presente, como vimos, em diversas formas de julgamentos sociais, em diferentes culturas (e.g., Fiske et al., 2007) e épocas (e.g., Ferreira et al., 2012). Estas são representadas por duas dimensões fundamentais (e.g., Judd et al, 2005), no entanto, para as compreender melhor, seria importante estudar quão estáveis podem ser consideradas temporalmente. Será que se eu considero hoje que alguém desorganizado é também de raciocínio lento, vou manter essa crença daqui a um mês? Ou será que se conhecer, entretanto, alguém extremamente desorganizado, mas também perspicaz e astuto essa minha crença será posta em causa?

Vamos ver o que a literatura nos diz acerca de quão estáveis poderão ser as teorias implícitas da personalidade.

### **TIPs - estruturas robustas e estáveis?**

São múltiplos os estudos que têm vindo a questionar a estabilidade de estruturas de conhecimento. São exemplos os sobre categorias sociais (e.g., Garcia-Marques et al., 2006), categorias não-sociais (e.g., Barsalou, Spindler, Sewell, Ballato, & Gendel, 1987, citado por Barsalou, 1989), atitudes (Wilson & Hodges, 1992, citado por Smith, 1998; ver Kunda & Thagard, 1996), ou self (Markus & Wurf, 1987, citado por Smith, 1998).

A maior parte da investigação parece supor (ainda que não de uma forma explícita) que as TIPs se baseiam em relações estáticas e aparentemente estáveis entre traços (Schneider e Blankmeyer, 1983). No entanto, esta estabilidade ou falta dela não foi, ainda, diretamente estudada. A estabilidade destas estruturas, a sua independência ao contexto e às situações parece ser assumida tanto nos processos que medeiam a procura de informação até à sua recordação, passando pela sua interpretação, armazenamento e inferências suscitadas.

Ainda que o posicionamento das TIPs ao nível da sua estabilidade ainda não tenha sido marcado pela literatura, muitas outras propriedades das teorias implícitas têm sido amplamente estudadas.

Partindo de uma perspetiva mais abrangente, no que diz respeito a perceção da pessoa, Tagiuri (1958) distinguiu três elementos principais: o observador, a pessoa a ser percebida e a situação na qual a pessoa a ser percebida é incorporada. No que se refere ao primeiro elemento, o observador, diferentes estudos apontaram para que diferentes pessoas possuem diferentes teorias implícitas (Hamilton, 1970; Kim & Rosenberg, 1980; Rosenberg & Sedlak, 1972; Schneider, 1973). Para além disso, também o alvo tem um efeito sobre as suposições do observador sobre a força das relações entre os traços. Por exemplo, uma transformação na estrutura das TIPs tem sido verificada quando se pensa



sobre “uma pessoa conhecida” vs. “uma pessoa desconhecida” (Koltuv, 1962), um “médico de família” vs. “um político conhecido nacionalmente” (Hanno & Jones, 1973), uma pessoa “introvertida” vs. “uma pessoa extrovertida” e de “uma pessoa madura” para “uma pessoa imatura” (Schneider & Blankmeyer 1983). Já quando pensamos na influência da situação ou contexto sobre as TIPs, muito pouca informação está disponível. É no sentido de procurar melhor entender o “comportamento” das TIPs quando estudadas momentos diferentes, a sua maleabilidade ao contexto e a sua semelhança ou diferença com outras estruturas de conhecimento que este trabalho foi desenvolvido.

Hochwalder (1995) debruçou-se sobre o estudo da estabilidade das TIPs em duas condições situacionais. Este autor apresentou duas situações hipotéticas aos participantes: 1) apresentação de um trabalho em ambiente académico e 2) participação numa festa. Foi pedido aos participantes que avaliassem a situação descrita de acordo com o grau em que achasse que estava, por um lado, orientada para busca de objetivos ou, por outro lado, orientada para a interação social. Esta classificação era dada numa escala de 7 pontos, em que 1 corresponderia a “nada” e 7 “muito”. Foi solicitado aos participantes que discriminassem numa escala de 5 pontos “quão provável é que uma pessoa na situação X exiba o traço Y e, na mesma situação, também demonstre o traço Z?” em que 1 corresponderia a “muito raramente” e 5 “muito frequentemente”. Um grupo de participantes responderam a esta questão pensando primeiro na situação 1, e depois na situação 2, enquanto que os outros participantes responderam a esta escala invertendo a ordem das situações hipotéticas.

Os traços utilizados nestas classificações de probabilidade foram 13, escolhidos a partir de Rosenberg e Jones (1971) – traços: inteligente, determinado, sério, crítico, ingênuo, submisso, impulsivo, prudente, falador, atraente, insociável, pessimista e ansioso. O autor, construiu matrizes com as respostas dadas pelos participantes nas duas

condições situacionais, calculou a média destas e submeteu os resultados à análise de *MDS*. O autor selecionou uma solução para as representações a 3 dimensões e correlacionou, também, a distância mantida entre pares de traços quer para a situação 1 como para a situação 2.

Os resultados deste estudo indicam que há uma congruência considerável entre as estruturas de traço das duas situações (0.90) defendendo assim a “estabilidade situacional” das TIPs (Hochwalder, 1995). No entanto, o autor deixou indicações sobre algumas limitações metodológicas do estudo. Relativamente a essas, quero apenas destacar uma que me parece especialmente relevante para o tema deste trabalho. No caso deste estudo, a análise utilizada foi uma análise grupal em que se agregaram os dados dos participantes. Ou seja, o que importou saber foi que proporção de participantes acreditava que o traço X e Y estavam fortemente relacionados, quer na situação de festa, quer na situação de apresentação do trabalho. Deste modo, visto que os dados foram agregados, esta análise continua a não responder à questão da estabilidade intra-individual das TIPs, neste caso, quando são manipuladas situações contextuais.

Se tivermos em consideração estes dados que apontam para uma estabilidade das TIPs em situações distintas, e mais uma vez devido à pouca literatura disponível acerca deste tema, talvez seja relevante que possamos entender as TIPs como estruturas esquemáticas que conduzem as nossas impressões de personalidade. Desta maneira, poderão ser-lhes atribuídas uma série de características gerais comuns às visões esquemáticas, incluindo a estabilidade e a inflexibilidade dos conceitos. Mas serão mesmo estes conceitos inflexíveis?

### **A mente humana: instável por definição?**

A Psicologia Cognitiva e a Cognição Social têm vindo a providenciar, em particular na área de memória de pessoas (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2004),

evidências empíricas e contribuições teóricas que apontam para que as representações mentais sejam muito mais dinâmicas e instáveis do que até aqui se assumia. Exemplos destas contribuições são os dados que indicam que os estereótipos são dinâmicos e sensíveis à influência de exemplares específicos. Estes vêm pôr ainda mais em causa a existência, ou pelo menos a necessidade, de estruturas de conhecimento abstratas e estáveis em memória. Mas se, por um lado, a necessidade de estabilidade cognitiva e de poupança de recursos vem fundamentar a relevância de possuímos estruturas estáveis para o enquadramento de nova informação, por outro lado, cada vez mais esta ideia de instabilidade das representações mentais parece ser transversal a várias áreas de investigação da Psicologia. Esta abrangência do carácter instável dos elementos psicológicos poderá até conduzir-nos a uma questão interessante: será esta instabilidade uma particularidade inerente à mente humana, independentemente da área de investigação em particular?

Para melhor desvendar esta questão será importante colocar outras. Qual será o tipo de representação mental subjacente às impressões de personalidade e às teorias implícitas da personalidade? Quais serão as suas consequências relativamente à sua estabilidade e maleabilidade ao contexto?

Conceptualmente é evidente que podemos encontrar semelhanças entre a natureza das teorias implícitas da personalidade e outras representações mentais. As TIPs poderão ser consideradas crenças, teorias, esquemas.... Parece-me que, neste caso, seria interessante relacionarmos o estudo das TIPs com os resultados encontrados, especificamente, no estudo de estereótipos (especificamente, Garcia-Marques, 2006; Santos et al., 2012). Embora possam existir diferenças entre estas estruturas, elas podem ser equiparadas na medida em que, enquanto que um estereótipo pode ser percebido como um esquema de associação de traços de personalidade (e não só) acerca de um

determinado grupo – (e.g., os brasileiros são caracterizados como calorosos e musicais), uma impressão de personalidade constitui um conjunto de traços de personalidade associados a um alvo (e.g., a Clara é simpática e prestável).

Parece-me assim que as TIPs podem ser tidas como as estruturas “organizadoras” das impressões de personalidade na medida em que, se me sinto informada relativamente aos traços “principais” que caracterizam determinada pessoa, vou, através da minha crença sobre com que outros traços aqueles se relacionam, acrescentar-lhe outros atributos para formar uma impressão total sobre a mesma.

De forma semelhantes, os modelos esquemáticos (e.g., Cantor & Mischel, 1977; Hamilton et al., 1980) postulam que um estereótipo social é um conjunto de ideias que são percecionadas como típicas, ou regulares, sobre um grupo social (Hamilton & Sherman, 1994), e uma impressão de personalidade será algo análogo, mas sobre uma única pessoa (Hamilton et al., 1980), ou sobre um “tipo de pessoas” (as taxonomias de Cantor, Mischel, & Schwartz, 1982). Schneider (1973) apoia também a semelhança entre estereótipos e teorias implícitas da personalidade defendendo que os estereótipos sociais podem ser vistos como um tipo de teoria implícita da personalidade, sendo esta também um tipo de julgamento avaliativo gerado pela perceção da alta correlação entre determinados traços.

Esta ideia de estabilidade parece dever-se, principalmente, a entendermos as teorias implícitas como estruturas que participam na manutenção da estabilidade cognitiva e no ajustamento do dispêndio de recursos (muitas vezes escassos) do processador de informação face a um mundo rico e diverso em termos de estímulos (Garcia-Marques, 1998; Garcia-Marques et al., 2006).

Assim, se assumirmos esta visão, as TIPs, tal como se assumia em relação aos estereótipos, deveriam ser muitíssimo estáveis temporalmente e, nesse sentido, resistentes à mudança, sendo que as pessoas deveriam ignorar características menos relevantes nos outros para manterem as suas crenças sobre a relação entre traços. Esta é uma visão abstracionista que pressupõe que instâncias específicas não deveriam afetar manifestamente a representação mental.

Araya refere que “nos modelos abstracionistas da representação de estereótipos, desenvolve-se uma conceção geral ou um sumário abstrato dos caracteres de um grupo social à medida que se obtém informação comportamental sobre esse grupo. [...] o conhecimento sobre esse grupo aumenta e uma subsequente representação grupal abstrata é formada e armazenada para uso futuro. Segundo este modelo, uma vez uma pessoa ter sido categorizada, o estereótipo de grupo é ativado e usado na formação de uma impressão dessa pessoa.” (Araya, 2003, p.10).

Aplicando as ideias de Araya sobre os estereótipos às TIPs, na ausência de informação mais específica, um alvo deveria ser simplesmente categorizado como possuidora de um traço concreto que iria criar expectativas baseadas nas estruturas de conhecimento que temos e, conseqüentemente, nos permitiria inferir outros. O armazenamento preferencial de informação social muito frequente e pouco variante através da abstração permitiria que essa informação fosse utilizada futuramente para decifrar, interpretar e inferir nova informação relevante sobre o alvo. Desta forma, deveria poder esperar-se que, dentro de condições ideais, estas estruturas e a forma como a covariação dos traços é percebida deveriam ser, como já referi, altamente estáveis ao longo de extensos períodos temporais quando estudadas num mesmo indivíduo (Garcia-Marques, Santos, & Mackie, 2006).

Assumindo uma TIP como um esquema podemos tirar algumas ilações. Isto é, se as TIPs funcionam como esquemas: são ativadas como uma unidade (Smith, 1998) e, quando ativadas, guiam o processo de inferência de informação relevante em falta (Garcia-Marques et al, 2006; Hamilton et al., 1980; Smith, 1980), não esquecendo que se a sua função primordial é a de assegurar a estabilidade cognitiva, estas deveriam manter-se sobejamente independentes à interferência do contexto. Deste modo, é de supor que, na presença de informação que ative num indivíduo uma dada TIP, a informação que é inferida num dado momento será, pelo menos maioritariamente, a mesma que é inferida num outro momento, mesmo que o contexto varie.

No entanto, uma série de evidências empíricas vêm pôr em causa esta conjectura. Garcia-Marques (1998) explica que as pessoas são influenciadas, usam e recuperam mais informação, e mais específica, do que seria de prever segundo os modelos abstracionistas.

### **A instabilidade das categorias não-socias**

Na verdade, uma multiplicidade de estudos apoia a instabilidade das estruturas de conhecimento. Na literatura, os estudos acerca da variação de julgamentos de tipicidade consoante o contexto linguístico (Roth & Shoben, 1983, citado por Barsalou, 1987), os que se referem ao aumento da perceção de variabilidade intra-grupal mediante apresentação de informação sobre membros grupais incongruentes com o estereótipo (Garcia-Marques & Mackie, 1999), ou os sobre a influência da variabilidade dos exemplares na aprendizagem de categorias (Nisbett, Krantz, Jepson, & Kunda, 1983) são exemplos que contrariam o abstracionismo.

Seguindo a mesma linha, e no que diz respeito a instabilidade de conhecimento semântico, Bellezza (1984) estudou a concordância dos sujeitos em termos das definições que davam para substantivos abstratos, categorias e substantivos concretos, em duas sessões, com uma semana de intervalo. Parece óbvio que, se uma palavra possui um

significado bem definido, esse significado deveria ser estável de forma a permitir, entre outros processos, uma comunicação eficaz. Se o conhecimento semântico fosse constante ao longo do tempo, um mesmo indivíduo deveria ser consistente nas definições que apresenta para um mesmo conceito, em dois momentos distintos. No entanto, não é essa consistência (i.e, estabilidade) que Bellezza (1984) encontra. O autor obteve uma sobreposição de apenas .48 dos três tipos de conceitos e propõe que a recuperação de informação na memória semântica assente num processo probabilístico, no sentido em que os conteúdos dessa memória podem, realmente, ser estáveis no período de tempo considerado, mas a acessibilidade dessa informação varia imprevisivelmente. Este resultado viabiliza que, como psicólogos sociais, nos questionemos: se o significado de uma palavra (de uma semana para a outra) se transforma, não será a relação entre traços bem mais passível de mudança?

A verdade é que os estudos que fundamentam a instabilidade de categorias não sociais não se esgotam por aqui. Muitos outros investigadores focaram a instabilidade intra-individual dos conceitos e categorias naturais, em dois momentos diferentes. Barsalou e colaboradores (1987, citado por Santos, 2007), realizaram uma análise da correlação entre definições de categorias em dois momentos, no mesmo indivíduo, e observaram que a sobreposição era de apenas cerca de .50.

Já McCloskey e Glucksberg (1978) mencionaram que um mesmo indivíduo, em dois momentos diferentes, fazia diferentes julgamentos de pertença a categoria para a mesma instância. Fehr e Russell (1984, citado por Barsalou, 1989) obtiveram um assentimento intra-indivíduo de .55 na tipicidade de termos emocionais. Todos estes estudos vêm, deste modo, evidenciar a instabilidade e sensibilidade dos conceitos ao contexto.

Chamo a atenção para o facto de, até aqui, estarmos apenas a rever as principais conclusões acerca da instabilidade de categorias não-sociais. Quase que intuitivamente, se nos pedissem para pensarmos nas nossas crenças acerca de categorias não-sociais (e.g, frutas) e também de categorias sociais (e.g, ciganos) e para dizermos qual delas seria mais estável ao longo do tempo, penso que a maioria de nós assumiria a categoria “frutas” como profusamente estável quando comparada com um estereótipo associado a um grupo social. Como já foi mencionado, os dados empíricos revelam que esta estabilidade (das categorias não-sociais) não se verifica. Então, se categorias não-sociais, tão essenciais para descrevermos o mundo, são instáveis, será que essa estabilidade se irá verificar para categorias sociais, dependentes de tantos outros fatores?

### **A instabilidade de categorias sociais**

Com o propósito de responder a esta e mais questões, Garcia-Marques e colaboradoras (2006) e Santos (2007) estudaram a estabilidade/instabilidade dos estereótipos. Estes obtiveram, em estudos teste-reteste longitudinais, uma sobreposição de apenas cerca de .50 nos estereótipos recolhidos, sendo que também a instabilidade dos traços considerados mais importantes (centrais) para determinada categoria aumentava em condições de contextos diferentes de uma sessão para a outra (Garcia-Marques et al., 2006, Santos, 2007).

Desta forma, os autores defendem que os dados que encontraram são consistentes com a ideia de que os estereótipos, ainda que amplamente partilhados e resistentes à mudança, são mesmo assim constructos temporários que são associados de forma flexível e sensível ao contexto de forma a se enquadrarem com exigências situacionais e com os objetivos do percipiente. Ao longo de diversas situações, tempos e contextos, os estereótipos sociais podem realmente transformar-se e serem muito díspares – o estereótipo da mulher dos anos 40, não é, de todo, o mesmo do estereótipo da mulher da



atualidade, por exemplo. Portanto, os autores questionam: se as pessoas são tão competentes para serem flexíveis e sensíveis cognitivamente, porque razão o processamento de informação social teria de ser rígido, de forma a priorizar sempre a consistência, o evitar da dissonância e da incongruência? Esta parece-me ser uma questão particularmente relevante para o estudo da estabilidade e maleabilidade das TIPs. De que forma se poderia justificar que a perceção de coocorrência de traços num mesmo indivíduo não pudesse ser permeável a mudanças situacionais e contextuais quando estamos inseridos num mundo que se define pela diferença, pela multiplicidade de culturas, gerações e grupos, de indivíduos, que expressam inúmeros e distintos traços de personalidade?

Será então que o que suporta o acesso às TIPs é o uso de abstrações? Os dados apresentados até então - provenientes de diferentes literaturas e conseguidos a partir de diferentes paradigmas – vêm, sem dúvida, colocar em causa a existência e uso de abstrações. Os resultados indicavam que informação específica influenciava, de facto, o desempenho e o resultado nas tarefas, assim como evidenciavam que diferentes contextos e/ou diferentes momentos originavam variações significativas nesses resultados. Assim sendo, mesmo que existissem abstrações, parecia que o desempenho em todas estas tarefas estava a ser baseado noutros tipos de representação mental, ou em processos que atuassem sobre as abstrações. Estes processos teriam de ser capazes de explicar naturalmente a influência de informação específica e a instabilidade dos conceitos dispostos num sistema conceptual que mostra ser bastante sensível a informação específica.

Garcia-Marques e colaboradoras (2006), numa conclusão, a meu ver bastante elegante e pertinente, propõem ainda que, talvez não seja a suposta estabilidade cognitiva que derive de *inputs* empobrecidos – abstrações - talvez sejam sim, os constrangimentos

do contexto social a que pertencemos que limitam a diversidade de estímulos que recebemos. Podemos facilmente compreender esta sugestão se pensarmos que: crescemos no seio da família a que somos (ou esforçamo-nos para pelo menos parecer) semelhantes; escolhemos amigos através da noção de reconhecimento de nós próprios nessas pessoas porque, afinal, pessoas que pensam/agem como nós tornam tudo mais fácil!; preferimos, de uma forma geral, “debater” (no sentido de “trocar ideias”) com alguém com quem partilhemos ideais ou, pelo menos, interesses, para que consideremos esse debate possível e proveitoso. Assim, e segundo os autores, talvez seja provável que a estabilidade cognitiva tenha sido confundida com a consistência do mundo social a que cada um de nós pertence.

Depois de expostas algumas das limitações dos modelos abstracionistas, faz sentido que apresente também alternativas a estes modelos: os modelos exemplaristas de recuperação parcial e os modelos connexionistas.

Os vários modelos exemplaristas vieram dar sentido a outro tipo de representações cognitivas, mais especificamente, propuseram representações exemplaristas dos eventos. Estes modelos focam o processamento de estímulos específicos em contextos específicos (*e.g.*, Barsalou, 1987) com processos específicos (Garcia-Marques, 1998). Ou seja, ao invés de um exemplar ser constituído pelas suas “características objetivas”, meramente expositivas, ou intrínsecas, do estímulo codificado, este é constituído pelas propriedades desse estímulo tal como foram percecionadas e processadas (Smith, 1998).

Então, mas como podem “contornar” estes modelos o argumento da escassez de recursos cognitivos, apresentada como uma das razões base para os modelos abstracionistas? Estes modelos recebem com harmonia estes constrangimentos. Isto porque, ao adotarem pressupostos de busca em paralelo e de ajustamento entre pista e

exemplares, a busca em memória e a utilização de exemplares específicos consegue conceber-se sem um grande dispêndio de recursos cognitivos.

Desta forma, de acordo com estes modelos, faz sentido que presumamos que as TIPs não são representações abstratas armazenadas em memória, tal como debatido anteriormente, mas sim representações (ou conceitos) concebidos quando nos deparamos com um dado alvo que, juntamente com o contexto, resulta numa pista compósita que, por sua vez, ativa um exemplar armazenado, ou um conjunto de exemplares, que são semelhantes com essa pista (i.e, o alvo, ou os traços de personalidade do alvo), e que, a partir daí, afetam o processamento ou inferência de informação sobre esse alvo. Assim sendo, em suma, segundo estes modelos, quando nos deparamos com um alvo que acreditamos que manifesta um determinado traço de personalidade, e queremos perceber qual a relação que esse traço (pista) mantém com outros, enviamos uma sonda que vai ativar em memória todos os exemplares que possuam esses traços. Estes exemplares constituem as representações mentais (i.e, agrupamentos de traços) - que processamos e armazenamos - de pessoas individuais.

Como estas representações mentais vão depender de quais os exemplares ativos nesse momento, estas serão naturalmente instáveis e sensíveis ao contexto – visto que o próprio contexto, aliado ao estímulo, constituem o exemplar (pista compósita).

Alguns efeitos que são naturais dos modelos exemplaristas, como a inferência baseada em exemplares, podem ser explicados por outro tipo de modelos de memória: os modelos conexionistas. Estes modelos têm como principal benefício o de levarem em conta a adequação da explicação teórica à estrutura fisiológica cerebral (Smith & DeCoster, 1998). Isto é, estes comparam esta estrutura - uma densa rede de neurónios interligados que constantemente enviam sinais uns aos outros – com a estrutura que propõem para a memória humana - uma rede de inúmeros nódulos simples densamente

interligados, que enviam mensagens uns aos outros através das suas conexões. Estas mensagens (forças de ligação) podem ser excitatórias (i.e, positivas) ou inibitórias (i.e, negativas) sendo que a ativação total de cada nódulo em cada momento é resultado da adição das mensagens recebidas de todos os outros nódulos e do peso das suas ligações a esses nódulos. As memórias associativas distribuídas constituem um exemplo destes modelos. Neste caso, o que se encontra em memória são as relações mantidas entre eventos e não são as configurações ou características destes que, através das forças de ligação podem ser constantemente recriadas.

Por exemplo, ao encontrar pela primeira vez a Clara, esta impressionou-me pela sua simpatia. Deste modo, posso inferir que a Clara tem outros traços não apresentados porque o padrão que o seu traço ativa é completado através dos pesos das conexões existentes, originando um padrão que envolve a junção da ativação do contexto com a minha experiência desse traço. É de notar que o *input* não se circunscreve apenas no traço - “simpática” – mas sim também em todo o contexto no momento da apresentação – o facto de esta me abrir a porta, me cumprimentar com um sorriso, a boa disposição que causou em mim - contexto esse que está a ser simultaneamente representado na rede. Assim, a rede conexionista apreende conhecimento, ou seja, atualiza os pesos das conexões e adapta-os, quer através da aprendizagem de um individuo específico, quer através da apresentação de exemplares de um grupo que sejam geradores de padrões de ativação análogos (Smith & Zárate, 1992; Smith & DeCoster, 1998).

Ou seja, em suma, o que parece acontecer na formação de impressões, e de uma forma muito básica, é que a rede conexionista é volúvel de apreender conhecimento através de atualizações dos pesos das conexões. Assim, quando somos confrontados com, por exemplo, um traço de personalidade, este poderá ser tido como semelhante a um anteriormente memorizado, ou a relação percebida desse traço com outros e, através dos

fluxos de ativação via conexões, esse padrão é completado e reconstruído nesse momento. Desta forma, a informação anterior aprendida pela rede (o nosso conhecimento) é utilizada no processamento de informação nova, enquanto que o se passaria de acordo com modelos abstracionistas é que à medida que vamos obtendo informação sobre as pessoas vamos simultaneamente formando abstrações de “pessoas-tipo” ou protótipos, que são caracterizadas pela relação de coocorrência de traços. Assim, segundo os modelos abstracionistas, em termos empíricos, em dois momentos ou contextos distintos e no mesmo indivíduo, a apresentação de um mesmo traço originará as mesmas inferências uma vez que a mesma abstração é ativada, enquanto que nos modelos conexionistas as inferências suscitadas serão diferentes, uma vez que a rede está a representar não só a pista de ativação como outros elementos ou fontes de ativação – estímulos, contextos, estados de humor. Desta forma, a representação varia consoante o momento em que é ativada. Esta depende dos pesos das conexões e, constantemente, adapta-se, ajusta-se e modela-se a todos os constituintes do contexto (Barsalou, 2003).

Podemos, então, concluir que este tipo de representação encerra em si uma sensibilidade natural às situações. Mais do que isso, e porque a representação só existe se se estiver a processar, ou seja, se os nós se influenciarem reciprocamente, se os mecanismos de ativação se eternizarem, podemos interpretar a representação e o processamento como constituindo um só componente, instável por definição. Para além disso, a rede formada nunca regressa a um estado de ativação igual a um momento anterior e a representação é, em si, instável e altamente dinâmica.

Tendo como mote não só as características destes modelos, mas também as conclusões dos estudos acerca da estabilidade de conceitos e categorias não-sociais (Barsalou, 1987) e de categorias sociais (Garcia-Marques et al., 2006; Santos, 2007) - que apresentam fundamentos para a crença na instabilidade intra-individual e sensibilidade

ao contexto das estruturas de conhecimento em dois momentos - o objetivo principal deste projeto é averiguar se também as “Teorias Implícitas da Personalidade” podem ser maleáveis pelo contexto em que se inserem e como estas se “comportam” em termos da sua estabilidade/instabilidade.

## **Estudo Piloto**

Nesse sentido, Garcia-Marques, Hagá, Santos e Nunes (in prep) realizaram um estudo com o propósito não só de verificar quão estáveis temporalmente seriam as TIPs dos participantes, mas também considerar esta estabilidade a um nível individual.

## **Método**

Este estudo consistiu em duas sessões (i.e., teste-reteste) separadas por três semanas de intervalo. Os participantes foram 23 estudantes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Na primeira sessão, os participantes completaram a tarefa de agrupamento de traços desenvolvida por Rosenberg e colaboradores (1968). Primeiramente, eram apresentados aos participantes 90 cartões sendo que cada um tinha um traço de personalidade escrito. Os traços utilizados foram retirados do artigo Ferreira e colaboradores (2011 – Estudo 2) que contém os traços (positivos e negativos) mais frequentemente mencionados em descrições livres e cuja estrutura replicou a bidimensional de Rosenberg e colaboradores (1968).

A tarefa dos participantes seria a de refletir acerca das pessoas que conhecem e nos traços de personalidade que, na sua perspetiva, tem tendência a coocorrer. Depois, teriam de manusear os cartões (representativos de traços) e formar conjuntos com eles consoante achassem que aqueles traços poderiam caracterizar uma só pessoa. Ou seja, os participantes poderiam começar por escolher um cartão “tranquilo” e, a partir daí, procurar outros cartões de traços que pudessem coocorrer com esse – por exemplo, “calmo”, “gentil” e “sensível”. Todos esses cartões deveriam ser colocados no mesmo conjunto (“montinho”). Se o participante se deparasse com um traço que acreditasse que

não poderia pertencer a essa pessoa, deveria colocá-lo num conjunto diferente e procurar outros traços que acreditasse relacionarem-se com esta “nova pessoa”.

Os participantes eram instruídos que não deveriam criar mais do que 10 conjuntos diferentes e que teriam disponível um conjunto “miscelânea” para os traços que não conseguissem atribuir a nenhum dos conjuntos que formaram.

A tarefa terminava quando todos os traços estavam incluídos num conjunto. Aí, os participantes transcreviam o conteúdo (traços) de cada um dos conjuntos para uma folha de papel com 11 caixas em branco em que uma delas representaria uma pessoa e a outra representava o conjunto “miscelânea”.

A segunda sessão ocorreu três semanas depois, em que o experimentador, sem aviso prévio, encontrou os participantes na sala de aula e convidou-os a voltar a realizar a tarefa. Todos os participantes concordaram em repetir o estudo e seguiram exatamente o procedimento descrito na sessão 1.

## **Resultados**

### **Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS)**

Os dados de todos os participantes recolhidos na tarefa de agrupamento de traços da sessão 1 foram introduzidos numa matriz de semelhança. Os valores de cada célula dessa matriz representam o numero de vezes que cada par de traços coocorreu. Assim sendo, valores elevados nas células dessa matriz refletem que muitos participantes agruparam um determinado par de traços no mesmo “montinho” e, por outro lado, valores baixos significam que dois traços raramente eram colocados no mesmo “montinho”. Os traços que foram colocados no conjunto “miscelânea” não foram introduzidos como coocorrendo no mesmo agrupamento nem analisados. Posteriormente, essa matriz foi sujeita a análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*). Esta análise permitiu que



os traços fossem dispostos num espaço bidimensional sem que a distância mantida entre estes fosse alterada ou distorcida.

A mesma análise foi repetida para os dados da sessão 2, resultando noutra configuração bidimensional. Estas duas configurações respeitavam um ajustamento de dados satisfatório, indicado pelo valor baixo da medida de distorção ( $stress_{sess\tilde{a}o1} = .169$  and  $stress_{sess\tilde{a}o2} = .174$ ). Para além disso, ambas as representações replicaram os resultados de Rosenberg e colaboradores (1968), nomeadamente as duas dimensões apresentadas: 1 dimensão de desejabilidade social e outra desejabilidade intelectual.

### **Análise de Clusters**

Seguiu-se uma análise de *clusters* com recurso ao algoritmo *k-means* de forma a ser pedida uma solução a 4 *clusters*. Esta solução demonstrou que os traços que partilhavam a mesma valência e dimensão foram agrupados juntos. Assim, um dos *clusters* era constituído por traços do quadrante social positivo (e.g, amigável, simpático), outro *cluster* por traços do quadrante social negativo (e.g, insensível, arrogante) e outros dois *clusters* com traços intelectuais positivos (e.g, determinado, motivado) e negativos (e.g, lento, desmotivado). A solução a 4 *clusters* foi considerada uma boa solução tanto para os dados da sessão 1 como para os dados da sessão 2 uma vez que cada traço apresentava uma proximidade média significativamente superior para os seus vizinhos de *cluster* do que para os outros traços. O conteúdo de cada *cluster* foi idêntico para as duas sessões com exceção do traço “corajoso” que na sessão estava no *cluster* de traços sociais positivos e na sessão 2 no *cluster* de traços intelectuais positivos – muito provavelmente porque o significado deste traço pode ser aplicado às duas dimensões.

Foi calculada ainda uma correlação das posições de cada traço nas duas sessões e esta foi de  $r=.85$ , sendo que para os *clusters* da dimensão intelectual esta correlação foi

mais elevada ( $r = .92$  para o *cluster* intelectual positivo e  $r = .93$  para o negativo) do que para a dimensão social ( $r = .76$  para o *cluster* social positivo e  $r = .81$  para o negativo).

### **Estabilidade a nível grupal**

Os resultados já apresentados constituem uma evidência preliminar de que as associações entre traços são estáveis ao longo do tempo, quando olhadas a um nível grupal em que os dados são os das representações partilhadas pelos indivíduos. Em ambas as sessões, como já referi, a configuração bidimensional de Rosenberg e colaboradores (1968) foi replicada, os resultados referentes à análise de *clusters* foram altamente consistentes, e apesar de os traços variarem no seu posicionamento relativo ao centróide, os traços mais centrais na sessão 1 voltaram a ser os mais centrais na sessão 2.

Para além de tudo, neste estudo os autores pretendiam providenciar uma medida quantitativa que permitisse exprimir a estabilidade da associação entre traços ao longo do tempo. Para tal, tomaram as matrizes produzidas pela *MDS* das duas sessões e transformaram essas matrizes num vetor (um para cada sessão). Esses dois vetores foram correlacionados através do coeficiente de Pearson com um resultado de  $r=.95$ , confirmando a altíssima estabilidade da covariação de traços quando os dados dos participantes são analisados agregados.

Os autores calcularam ainda o valor de outra medida da estabilidade grupal: correlação do elemento comum (McNemar, 1969). Esta medida pode ser considerada uma medida de coocorrência de traços no mesmo “montinho” – os dados brutos que foram posteriormente utilizados para o cálculo das distâncias entre traços. Assim, o que os autores fizeram, foi contar o número de vezes que um determinado par de traços foi agrupado na sessão 1 e voltou a sê-lo na sessão 2. Este valor foi depois dividido pela média geométrica do número total de pares de traços formados em cada sessão.

O valor desta correlação de elemento comum – ou o valor da sobreposição pares de traços – foi de .83, o que significa que mais de 80% dos pares formado na primeira sessão, voltaram a ser agrupados na segunda sessão isto quando considerados, mais uma vez, os dados agregados dos participantes.

### **Estabilidade a nível individual**

Como já referi, a coocorrência de traços, operacionalizada pela distância entre estes é bastante estável temporalmente a um nível grupal.

Como não é possível calcular esta mesma medida de distância entre traços – uma vez que não pode usar o Escalonamento Multidimensional para apenas um participante – os autores decidiram voltar a calcular a correlação de elemento comum. No entanto, a um nível individual já não importaria saber o número de vezes que um dado par de traços foi agrupado na sessão 1 e voltou a ser agrupado na sessão 2, mas sim saber se os traços agrupados na sessão 1 (e.g, simpático e amigável) voltaram a ser colocados juntos na sessão 2. Deste modo, foi calculado um valor desta medida para cada participante e depois foram calculadas as médias destes valores. O valor da correlação de elemento comum foi de .53, com uma amplitude de valores entre .23 e .83. A sobreposição de .53 significa que em média, apenas metade dos pares escolhidos na sessão 1 foram novamente escolhidos na sessão 2, revelando uma estabilidade moderada intra-individual.

É importante referir que, ainda que neste estudo os resultados sejam divididos em dois níveis - individual e grupal – os dados estão agregados nos dois casos. Ou seja, a um nível grupal, as correlações foram calculadas agregando os itens (isto é, os traços de personalidade) e também os participantes. A um nível individual, as correlações foram calculadas com os dados agregados por item para cada participante, sendo depois agregados os resultados dos participantes.

## **Considerações iniciais**

Depois de verificada a componente instável das TIPs quando estudadas a um nível individual, podemos pensar no que poderá transformar estas estruturas quando estudadas em dois momentos. Se a representação da covariação de traços se modifica ao longo do tempo, estas estruturas devem ser maleáveis a diferenças contextuais e situacionais. A maleabilidade das TIPs pode estar na origem, e justificar o facto de, por vezes, se identificarem evidências do efeito de Halo (em que os sujeitos associam mais fortemente traços positivos a traços positivos e traços negativos a traços negativos), outra vezes, da independência entre dimensões e, outras vezes, ainda o efeito de compensação. O efeito de compensação postula que, neste caso, se o alvo é avaliado muito negativamente numa dimensão, será avaliado mais positivamente na outra. Este é muito frequentemente identificado na perceção de grupos, mas bastante menos relatado na perceção de indivíduos. Talvez sejam, então, as características do contexto que medeiam a forma como a perceção da coocorrência de traços nos outros é estruturada. Talvez os objetivos do sujeito numa dada situação, as exigências das situações por que passa, as relações que mantêm há muito tempo, e também as novas pessoas que vai conhecendo moderem a forma como as relações entre os traços se “movimentam” nas suas TIPs.

## **Estudo 1**

### **Método**

#### **Participantes**

Os participantes neste estudo foram 128 estudantes de Psicologia da Universidade de Lisboa. 100 participantes eram do sexo feminino e 28 do sexo masculino com uma média de idades de 20,69 anos ( $SD= 5,40$ ). Estes participantes foram testados no laboratório de investigação da Faculdade de Psicologia, em sessões de 9/10 participantes. Os participantes foram beneficiados com um crédito pela participação no estudo.

## **Procedimento**

O estudo foi dividido em duas fases: 1) Fase de Primação, 2) Fase de Avaliação das TIPs. Em cada uma das fases os participantes completavam uma tarefa, na primeira uma tarefa de primação, (pela qual só passavam participantes de duas das condições) e na segunda uma tarefa de avaliação das TIPs (pela qual passavam todos os participantes).

Os participantes foram aleatoriamente distribuídos por três condições: condição submarino, astronauta e controlo. Os participantes na condição submarino e astronauta passavam por uma tarefa de primação em que lhes era pedido que seleccionassem, da forma mais acertada possível, candidatos para determinados cargos. Já os participantes na condição controlo, não colaboravam nesta tarefa, completando apenas a tarefa de avaliação das TIP's.

### **1ª Fase – Fase de primação**

Na condição *submarino*, os participantes começaram por ler uma descrição dos requisitos para exercer o cargo de tripulante de submarino. Eram atribuídos ao candidato “ideal” traços pertencentes ao quadrante intelectual positivo e social positivo, como por exemplo, “capacidade para resolver problemas complexos” e “tolerância aos outros. Assim, mais especificamente, o cargo de tripulante de submarino era descrito da seguinte forma: “Num submarino os tripulantes convivem com as mesmas pessoas durante longos períodos de tempo. Por isso, é importante que sejam capazes de suportar o contacto constante com outras pessoas e a rotina. É essencial que um candidato a tripulante de submarino não só seja um excelente profissional com a capacidade de operar sistemas complexos e de resolver problemas inesperados com facilidade, mas também que goste de trabalhar cooperativamente e que não tenha tendência para criar conflitos com outras pessoas.”

Depois de terem lido a descrição do cargo, quatro requisitos para o cargo (dois pertencentes ao quadrante social positivo e dois pertencentes ao quadrante intelectual positivo) mantinham-se na parte superior esquerda do ecrã. Agora os sujeitos eram convidados a considerar se determinado candidato era adequado ou não ao cargo, sendo apresentados dois atributos desse candidato. Por exemplo, “O Diogo é inteligente e fiável. Considera-o adequado ao cargo?” Os participantes responderiam “sim” ou “não”. Este procedimento repetia-se ao longo de 16 candidatos. Era esperado que os participantes considerassem adequados ao cargo candidatos com traços sociais e intelectuais positivos. Com esta manipulação esperávamos primar uma relação positiva entre as duas dimensões (intelectual e social) das TIPs que hipoteticamente resultaria na perceção de maior relação (proximidade) entre traços sociais e intelectuais positivos na segunda tarefa de avaliação das TIPs.

Já na condição de astronauta, os sujeitos liam os requisitos para o cargo de tripulante de cápsula espacial referentes ao quadrante intelectual positivo e social negativo, sendo lembrados que um tripulante de cápsula espacial ou astronauta teria que passar muito tempo sozinho e, por isso, o candidato mais indicado deveria lidar bem com a solidão e o isolamento. “Numa cápsula espacial os tripulantes vivem sozinhos durante longos períodos de tempo. Por isso, é importante que sejam capazes de suportar o isolamento de outras pessoas e a rotina. É essencial que um candidato a tripulante de cápsula espacial não só seja um excelente profissional com a capacidade de operar sistemas complexos e de resolver problemas inesperados com facilidade, mas também que goste de trabalhar solitariamente e que não tenha tendência para criar laços com outras pessoas.” Ou seja, na tarefa de seleção de candidatos os participantes deveriam considerar adequados candidatos com traços intelectuais positivos e sociais negativos.

Deste modo, nesta condição era esperado que os sujeitos fizessem a máxima diferenciação entre as dimensões, relacionando um traço intelectual positivo com um social negativo.

As instruções apresentadas aos participantes na condição astronauta e submarino encontram-se nos anexos A e B, respetivamente.

## **2ª fase - Fase de avaliação das TIPs**

Terminada esta tarefa, os participantes eram convidados a participar num pré-teste do grupo de estudo de formação de impressões da Faculdade de Psicologia. Na verdade, o que acontecia é que os sujeitos passavam para a segunda fase do estudo que tinha como objetivo aceder às suas TIPs e verificar os possíveis efeitos da manipulação da primeira fase. Era-lhes, então, pedido que imaginassem uma pessoa com um determinado traço de personalidade que dissessem qual a probabilidade de essa pessoa ter um segundo traço de personalidade. Cada sujeito respondia a 28 questões deste tipo “Se uma pessoa é X, quão provável é que seja Y também?”, assegurando que X e Y nunca seriam iguais e que se foi questionada a relação entre X e Y, não voltaria a ser solicitada a relação entre Y e X. Os participantes classificaram a probabilidade desta relação numa escala de dez pontos (1 a 11), em que 1 seria “nada provável” e 11 “muito provável”.

Os itens utilizados para a construção desta tarefa consistiam numa combinação dos traços “determinado, hábil, indeciso, de raciocínio lento, simpático, amigo, manipulador e egoísta”. Foram estes os traços escolhidos para esta tarefa porque foram estes que ficaram mais perto dos centróides dos *clusters* intelectual positivo, intelectual negativo, social positivo e social negativo no estudo 1, como será explicado mais adiante.

A análise dos dados relativos às pontuações dadas nesta escala possibilitou que verificássemos a distribuição da distância dos traços por intermédio de uma análise de *MDS* e também de uma análise de *clusters*. A distribuição dos traços ao longo de dois

eixos e em duas dimensões (intelectual e social) viabilizou o acesso às TIPs dos participantes nas diferentes condições.

As instruções apresentadas aos participantes nesta fase encontram-se no anexo C.

### **Procedimento para a seleção de traços**

Os resultados do estudo de base (estudo 1) produziram 4 *clusters* para a sessão 1 e 4 *clusters* para a sessão 2. Como mencionado, estes *clusters* tinham exatamente o mesmo conteúdo à exceção de um traço (i.e., “corajoso”). Baseámo-nos no conteúdo desses *clusters* para seleccionar os traços para este estudo. Primeiro, foi calculada a média da distância de cada traço ao centróide do seu *cluster* na sessão 1 e sessão 2 (e.g., o traço “determinado” tinha uma distância de 1.75 do centróide do seu *cluster* na sessão 1 e uma distância de 1.87 na sessão 2; a média destas distâncias é de 1.81). Depois, para cada *cluster*, os traços foram ordenados do mais central (i.e., menor distância aos centróides originais) ao mais periférico (e.g., o traço “determinado” tornou-se no traço mais central do *cluster* intelectual positivo). Posteriormente, foram retirados os 9 traços mais centrais de cada um desses *clusters* e distribuídos por 3 conjuntos, com aproximadamente o mesmo grau de centralidade. Dois desses 3 conjuntos foram destinados a ser incluídos nas descrições da fase de primação (e.g., uma das descrições com traços intelectuais positivos incluiria os traços “determinado”, “culto” e “responsável” e a outra incluiria os traços “motivado”, “racional” e “pontual”). Do outro conjunto foram escolhidos dois traços para a tarefa de avaliação das TIPs (e.g., “eficaz” e “inteligente”). Desta forma foi assegurado que nenhum dos traços presentes na tarefa de avaliação das TIPs foi previamente mencionado na tarefa de primação e também que, em princípio, os traços da avaliação das TIPs eram tão centrais como os traços da tarefa de primação.



## Resultados

### Avaliação das TIPs – Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

Na tarefa de avaliação das TIPs dos participantes era pedido que estes respondessem a questões do tipo “Se uma pessoa é X, quão provável é que seja Y também?”. As respostas eram fornecidas através de *ratings* de probabilidade percebida (numa escala de dez pontos). Depois de recolhidos todos esses dados, os valores que foram atribuídos a cada relação entre traços foram introduzidos em matrizes individuais de semelhança (i.e., uma matriz por participante, em que quanto mais elevado o valor da célula XY, maior a probabilidade percebida de uma pessoa ter o traço X e Y).

Posteriormente, foi calculada uma matriz com os valores médios por condição experimental. Estas matrizes, nomeadamente a da condição controlo, a da condição submarino e a da condição astronauta, foram sujeitas a análise de *MDS*.

A *MDS* é uma técnica de análise de dados de semelhança (e dissemelhança) entre um conjunto de dados. Neste caso, a *MDS* permite o acesso a uma representação gráfica da relação que os vários traços mantêm nos dados e emerge como uma espécie de mapa em que cada ponto corresponde um traço. Depois de introduzidas matrizes de relação entre traços que servem de base à *MDS*, podemos verificar visualmente da forma como estes traços se distribuem no espaço, quais destes se encontram mais próximos e quais se encontram mais distantes. Para além disso, a *MDS* possibilita também que determinemos o número de dimensões impostas para que a relação entre traços possa ser compreendida e interpretada da forma mais simples. Assim, e no que diz respeito a estes estudos, a configuração espacial dos pontos resultantes da análise da *MDS* traduzem os julgamentos dos participantes acerca de que traços costumam coocorrer no mesmo indivíduo. Quanto mais distante um par de traços estiver na *MDS*, menor terá sido a avaliação da probabilidade de relação destes traços nas *rating scales* preenchidas pelos participantes.

Deste modo, interessa-nos que as relações geométricas entre estes pontos correspondam às relações empíricas entre os traços com a mínima distorção possível. Para tal, é utilizada uma medida de ajustamento dos dados à configuração multidimensional designada por *stress*, em que um menor valor significa menor distorção.

Ora, relativamente à distribuição de traços no *MDS* referentes à tarefa de avaliação das TIPs era esperado que na condição controlo os traços se distribuíssem de “forma clássica”, isto é, segundo os eixos das duas dimensões. Na condição submarino, uma vez que a manipulação foi feita no sentido de traços intelectuais positivos estarem associados com traços sociais positivos, e traços intelectuais negativos estarem associados com traços sociais negativos, seria esperado que os traços se distribuíssem segundo a sua valência (traços positivos num dos pólos e traços negativos no outro). Já na condição astronauta, lembrando que os sujeitos foram primados para relacionarem traços intelectuais positivos com traços sociais negativos e vice-versa, era expectável que esta segregação se verificasse, o que resultaria na perpendicularidade dos eixos. Ou seja, era esperado que os extremos negativos do eixo intelectual (traços: lento, indeciso) ficassem mais próximos dos extremos positivos do eixo social (traços: simpático, amigo) e que, o os extremos negativos do eixo social (traços: egoísta, manipulador) ficassem mais próximos dos extremos positivos do eixo intelectual (traços: hábil, determinado).

Apesar destas serem as nossas hipóteses relativamente à *MDS*, importa salientar que neste estudo estamos a estudar as relações de 8 traços apenas, o que pode ser manifestamente insuficiente para observar os efeitos hipotetizados, daí propormos uma outra técnica de análise. Para além disso, consideramos que a tarefa de primação contém limitações metodológicas que serão desenvolvidas na secção da discussão.

### Condição controlo

Em primeiro lugar, verifica-se que o ajuste dos dados a uma representação com duas dimensões é aceitável ( $stress = .09$ ), apresentando-se a solução bidimensional no anexo G.

Pode verificar-se que, apesar de os traços pertencentes à mesma dimensão estarem mais próximos, traços pertencentes ao quadrante social negativo e ao intelectual positivos, nomeadamente “manipulador” e “determinado”, apresentam uma menor distância do que o que seria esperado.

De forma a complementar esta análise, levou-se a cabo uma análise de *clusters*. Esta análise fundamentou-se na necessidade de avaliar a adequação de uma repartição dos traços por quatro *clusters* que representam os quatro quadrantes desta configuração bidimensional. Para tal, utilizámos o algoritmo *k-means*. A utilização deste método, em contraste com outros métodos de análise de *clustering*, é especialmente indicada quando se dispõe à partida de hipóteses sobre o número mais adequado de *clusters* para a agregação dos dados. Este era, portanto, o método mais adequado visto que as nossas hipóteses se debruçavam sobre os quatro quadrantes. A aplicação do algoritmo *k-means* permite formar um número de *clusters* fixo (neste caso quatro), agregando os casos de forma a maximizar as distâncias entre *clusters* e a minimizar as distâncias dentro de cada *cluster*. No final do procedimento, pode aceder-se também à localização dos pontos médios de cada *cluster*, designados por centróides, e às relações de distância de cada ponto (neste caso, traço) ao centróide do seu *cluster*.

Assim, foi testada a adequação de uma solução a 4 *clusters*, pelo motivo já indicado e, posteriormente, foi também testada uma solução a dois *clusters* de forma a verificar se, segundo as condições experimentais, esta não poderia ser uma melhor solução que a de 4 *clusters*.

Como melhor solução para esta análise temos uma solução a 4 *clusters*: um dos *clusters* é constituído por traços sociais negativos (“egoísta” e “manipulador”), um segundo por traços intelectuais negativos (“lento” e “indeciso”), outro por traços intelectuais positivos (“determinado” e “hábil”) e um último por traços sociais positivos (“amigo” e “simpático”).

Nesta solução, o traço “indeciso” não está significativamente mais próximo do seu vizinho de *cluster* do que dos outros traços ( $F(3,4) = 3.21$ ;  $p = .145$ ), mas todos os outros traços estão mais próximos dos seus vizinhos de *cluster* do que dos outros *clusters*, ainda que no caso dos traços “hábil” ( $F(3,4) = 4.30$ ;  $p = .096$ ) e “lento” ( $F(3,4) = 4.28$ ;  $p = .097$ ) esta proximidade seja apenas marginalmente significativa.

### **Condição Astronauta**

O ajuste dos dados a uma representação com duas dimensões é aceitável ( $stress = .04$ ), apresentando-se a solução bidimensional no anexo H.

A análise de *clusters*, segundo a técnica *k-means* e forçando a solução a quatro *clusters*, revelou-se novamente satisfatória, uma vez que para todos os casos (à exceção do traço “indeciso”;  $F(3,4) = 3.07$ ,  $p = .153$ ) as distâncias entre *clusters* suplantaram significativamente as distâncias dentro dos *clusters*.

### **Condição Submarino**

O ajuste de uma representação com duas dimensões pode ser aceite nesta condição também ( $stress = .06$ ), apresentando-se a solução bidimensional no anexo I.

Ao invés de ser observada uma maior diferenciação entre traços positivos e negativos, verificamos que os traços sociais negativos e os traços intelectuais positivos estão mais próximos do que o esperado.

Quando foi pedida uma solução a 4 *clusters*, os traços agruparam-se de uma forma diferente dos *clusters* das outras condições: um *cluster* contendo os traços intelectuais

positivos e sociais negativos, outro os traços intelectuais negativos, outro apenas o atributo “simpático” e um último o traço “amigo”. Para além do mais, três dos traços não estavam significativamente mais próximos dos seus vizinhos de *cluster* do que dos outros *clusters* (“hábil”:  $F(3,4) = 1.37, p = .372$ ; “determinado”:  $F(3,4) = 2.67, p = .183$ ; “egoísta”:  $F(3,4) = 3.53, p = .128$ ). Outros dois traços estavam apenas marginalmente mais próximos dos seus vizinhos de *cluster* (“indeciso”:  $F(3,4) = 5.04, p = .076$ ; “amigo”:  $F(3,4) = 6.31, p = .054$ ). Deste modo, esta não foi considerada uma boa solução.

Já quando foi pedida uma solução a 2 *clusters*, 3 traços continuam a não estar significativamente mais próximos dos seus vizinhos de *cluster* (“simpático”:  $F(3,4) = 2.71, p = .151$ ; “amigo”:  $F(3,4) = 2.29, p = .181$ ; “hábil”:  $F(3,4) = 3.34, p = .113$ ), mas todos os restantes o estão. Esta parece ser, então, uma melhor solução, ainda que não ideal.

### **Acuidade das respostas**

Dado que os resultados esperados não emergiram claramente, parece-me relevante verificar se os participantes realizaram a tarefa de primação com atenção e da forma esperada. Com esse propósito, foi realizada uma análise de acuidade da tarefa de primação (seleção de candidatos) na condição submarino e astronauta.

Na condição submarino, 94,6% dos participantes responderam de forma acertada à tarefa (i.e., os participantes aceitaram candidatos descritos por traços intelectuais positivos e sociais positivos e rejeitaram candidatos descritos por traços intelectuais negativos e sociais negativos). O valor de acuidade foi relativamente mais baixo (79,1%) na combinação de traços “astuto” e “sincero” (traços pertencentes ao quadrante intelectual positivo e social positivo) possivelmente pela falta de compreensão do significado do atributo “astuto”, relacionando-o com um traço intelectual negativo.

Já na condição astronauta, 89,5% dos sujeitos selecionaram corretamente os candidatos com características adequadas para o cargo (i.e., aceitaram candidatos com traços intelectuais positivos e sociais negativos e rejeitaram candidatos com traços intelectuais negativos e sociais positivos). Observou-se novamente uma maior taxa de erros na combinação de traços “astuto” e “intriguista” (63,4% de acertos) e “fútil” e “culto” (56,1%), esta última provavelmente motivada pela expectativa de que alguém fútil não suportaria as condições inerentes ao cargo.

É pertinente lembrar que, no geral, a taxa de acertos foi na ordem dos 90% o que sugere que a tarefa foi bem compreendida pelos participantes e que estes não responderam ao acaso.

## **Estudo 2**

### **Método**

O objetivo primordial deste estudo prendia-se com a investigação de duas componentes das Teorias Implícitas da Personalidade: 1) a sua maleabilidade ao contexto e a constrangimentos situacionais e 2) a sua estabilidade temporal.

Para estudar a primeira, decidimos criar um estudo com duas fases (semelhantes ao estudo anterior): 1) uma fase de primação (pela qual só passavam participantes de duas das condições) e 2) uma fase de avaliação das TIPs (pela qual passavam todos os participantes). Assim, na fase de primação, colaboravam os participantes distribuídos pela condição de relação positiva (a) e pela condição de relação negativa (b) que eram primados para: ou (a) associarem ou relacionarem mais traços de quadrantes sociais positivos com intelectuais positivos e traços de quadrantes sociais negativos com intelectuais negativos ou, (b) relacionarem traços de quadrantes sociais negativos com intelectuais positivos e traços sociais positivos e intelectuais negativos. O efeito desta manipulação era medido na fase de avaliação das TIPs com uma tarefa em que os participantes deveriam indicar a proximidade/distância percebida entre universos de pessoas com traços de personalidade distintos.

Para estudar a estabilidade temporal das TIPs dos participantes, decidimos realizar duas sessões de estudo (teste- reteste) com três semanas de intervalo. No final do estudo era pedido aos participantes que indicassem o dia e mês de aniversário dos seus pais de forma a ser possível, com esses valores, formar um código de 8 dígitos que permitisse emparelhar os dados de duas sessões do mesmo participante. O objetivo no que diz respeito a distribuição dos participantes por condição na segunda sessão seria: 1) todos os participantes que na primeira sessão formassem a condição controlo, permaneceriam

nesta condição na segunda sessão; 2) de todos os participantes que tenham constituído a condição relação positiva na primeira sessão, 50% permaneceriam nesta condição na segunda sessão e 50% realizariam as tarefas segundo os princípios da outra condição, condição relação negativa; 3) de todos os participantes que tenham constituído a condição relação negativa na primeira sessão, 50% permaneceriam nesta condição na segunda sessão e 50% realizariam as tarefas segundo os princípios da outra condição, condição relação positiva. No entanto, devido a problemas técnicos na distribuição dos participantes por condição na segunda sessão, praticamente todos os participantes acabaram por ficar na mesma condição nas duas sessões. Desta forma, só nos foi possível analisar os dados relativos a sessão de teste, de modo que serão esses dados os apresentados na secção de resultados.

### **Participantes**

Os participantes neste estudo foram 168 estudantes de várias faculdades da Universidade de Lisboa. Na sessão de teste participaram estes 168 estudantes e 154 voltaram a colaborar na sessão de reteste (ainda que os dados destes últimos não tenham sido incluídos na análise pelos motivos já indicados). Na primeira sessão, participaram 141 sujeitos do sexo feminino e 27 sujeitos do sexo masculino com idades médias de 23,7 anos ( $SD=5,71$ ). Na segunda sessão, participaram 130 sujeitos do sexo feminino e 24 sujeitos do sexo masculino com idades médias de 22,2 anos ( $SD=5,16$ ).

Estes participantes foram testados nos laboratórios de Investigação da Faculdade de Psicologia, em sessões de 9/10 participantes. Cada participante foi beneficiado com 0,25 créditos pela participação no estudo (presença na sessão um e dois).



## **Procedimento**

Este estudo tinha duas tarefas principais, uma tarefa de primação, (pela qual só passavam participantes de duas das condições) e uma tarefa de avaliação das TIPs (pela qual passavam todos os participantes).

### **1ª fase - Fase de primação**

À semelhança do estudo 1, os participantes foram divididos aleatoriamente por três condições: condição controlo, condição relação negativa (inteligente, mas antipático) e condição relação positiva (inteligente e simpático).

Os participantes na condição relação positiva e relação negativa passavam por uma tarefa de primação com recurso ao *software Qualtrics*. Era explicado aos participantes que iriam participar num estudo que tinha como propósito explorar até que ponto as pessoas conseguem adivinhar o tipo de atividades que as outras fazem no seu dia-a-dia, a partir de uma breve descrição da sua personalidade. Assim, num primeiro momento, liam a descrição de uma pessoa que consistia em comportamentos que os outros acreditam caracterizá-la assim como a reputação ou a perceção que os outros tinham dela. Era-lhes pedido, inclusivamente, para pensarem em personagens de filmes, séries ou livros, ou em pessoas reais que os participantes conhecessem pessoalmente, que encaixassem na descrição apresentada.

Seguidamente, era-lhes indicado que deviam imaginar que essa pessoa tinha uma tarde livre e que narrassem o que a pessoa faria nessa tarde livre num pequeno texto de 3 a 5 frases. Os participantes poderiam escrever atividades ou mesmo comportamentos que achassem típicos de uma pessoa com aqueles traços de personalidade. Esta tarefa era feita para um total de 4 descrições por condição. Ou seja, na condição de relação negativa, eram apresentadas 4 descrição em que duas delas primavam a associação de traços do quadrante intelectual positivo com traços do quadrante social negativo e outras duas

primavam o inverso, isto é, a associação de traços do quadrante intelectual negativo com traços do quadrante social positivo. Já na condição de relação positiva, duas das quatro descrições fornecidas continham traços sociais positivos ligados a traços intelectuais positivos e outras duas, traços sociais negativos relacionados a traços intelectuais negativos.

No caso dos participantes na condição relação positiva, estes liam descrições em que os traços ou comportamentos das duas dimensões fundamentais das TIPs se relacionavam de forma positiva. Ou seja, tanto descrições de natureza social como intelectual eram conotadas com a mesma valência (positiva ou negativa). Vejamos o exemplo do “João”: *“O João é um jovem que se destaca pela sua cultura geral, sabendo bastante mais sobre qualquer área do que a maior parte dos seus colegas. É também notória a simpatia com que trata aqueles que o rodeiam. Ainda no outro dia, apesar de estar com pressa, ajudou uma senhora com um carrinho de bebé a descer umas escadas, sem que esta lho tivesse pedido. As pessoas que trabalham com ele descrevem-no, por um lado, como muito determinado e, por outro lado, como uma pessoa sincera, em quem se pode confiar. Fora do trabalho, há quem descreva o João como muito tolerante e também muito responsável.”* Com esta manipulação esperávamos primar uma relação positiva entre as duas dimensões (intelectual e social) das TIPs que, ao que nos parece, resultaria na perceção de maior proximidade entre traços sociais e intelectuais positivos e traços sociais e intelectuais negativos na segunda tarefa de avaliação das TIPs.

Já no caso dos participantes na condição relação negativa, estes liam descrições em que os atributos se relacionavam de forma negativa. Isto é, o objetivo era primar uma relação negativa entre as duas dimensões, relacionando, por exemplo, traços intelectuais positivos com sociais negativos.

Levando ainda em conta o exemplo da descrição do “João”, os participantes nesta condição (relação negativa) poderiam ler a seguinte descrição: *“O João é um jovem que se destaca pela sua cultura geral, sabendo bastante mais sobre qualquer área do que a maior parte dos seus colegas. É também notória a arrogância com que trata aqueles que o rodeiam. Nunca cumprimenta os empregados das lojas ou das pastelarias a que vai e chega a tratá-los mal. As pessoas que trabalham com ele descrevem-no, por um lado, como muito determinado, mas, por outro lado, como uma pessoa manipuladora, em quem não se deve confiar. Fora do trabalho, há quem descreva o João como muito responsável, mas também como sendo, no fundo, uma pessoa desonesta.”*

Os participantes na condição controlo, não colaboravam nesta tarefa, completando apenas a tarefa de avaliação das TIPs.

As instruções apresentadas aos participantes distribuídos pelas condições de relação negativa e relação positiva encontram-se nos anexos D e E, respetivamente.

## **2ª fase - Fase de avaliação das TIPs**

Quando terminavam a tarefa anterior, os participantes eram convidados a participar num pré-teste do grupo de estudo de percepção de pessoas da Faculdade de Psicologia. No entanto, esta era, na verdade, a segunda fase do estudo que pretendia possibilitar o acesso às TIPs dos sujeitos e verificar os possíveis efeitos da manipulação da primeira fase. Assim, e segundo as hipóteses teóricas que suportam este estudo, se as TIPs realmente têm alguma maleabilidade e flexibilidade, era esperado que, uma vez que os participantes estariam a refletir sobre exemplares com uma relação positiva ou negativa entre atributos das duas dimensões, o impacto desta associação iria exprimir-se na tarefa imediatamente a seguir, na qual estes avaliariam de forma “ajustada” as relações entre traços.

Para que se pudesse aceder aos efeitos da manipulação, os participantes tinham como tarefa imaginar o universo de pessoas com uma determinada característica X (isto é, todas as pessoas com essa característica) e o universo de pessoas com outra característica Y (isto é, todas as pessoas com a outra característica).

Cada um desses universos era representado graficamente por um círculo. A sua tarefa era a de especificar, até que ponto, na sua opinião, esses dois universos estão distantes ou, por outro lado, se sobrepõem. Os participantes respondiam segundo uma escala de sete possíveis representações da proximidade/distância desses dois universos (esta escala foi adaptada a partir da *Overlap of Self, Ingroup, and Outgroup Scale* – OSIO; Schubert & Otten, 2002). Assim sendo, poderiam escolher, por exemplo: o nível 1 da escala se acreditassem que esses universos estavam o mais distantes possível um do outro, ou o nível 3 se achassem que os universos estavam muito próximos, mas que ainda assim não havia sobreposição ou, por outro lado, o nível 7 em que estes universos se dispunham completamente sobrepostos, significando que acreditavam que todas as pessoas com a característica X partilhavam também a característica Y. Para esta tarefa foram utilizadas combinações de 8 traços: eficaz, inteligente, incapaz, desorganizado, prestável, generoso, egoísta e interesseiro. Desta forma, cada participante tinha de decidir sobre a proximidade de 28 pares de universos diferentes.

De forma a ser estudada a estabilidade temporal e individual das teorias implícitas da personalidade, os mesmos participantes foram convidados a participar numa segunda sessão com um intervalo de 3 semanas. Nessa sessão realizaram exatamente as mesmas tarefas. No entanto, apesar de este ser o objetivo inicial do estudo, relembro que os dados da segunda sessão não puderam ser utilizados devido a um erro na distribuição dos participantes pelas condições experimentais.

As instruções experimentais utilizadas para esta tarefa encontram-se no anexo F.

### **Procedimento para a seleção de traços**

Como já foi referido, foram utilizadas combinações de 8 traços para a segunda tarefa do estudo (traços: eficaz, inteligente, incapaz, desorganizado, prestável, generoso, egoísta e interesseiro). As imagens apresentadas aos sujeitos para que classificassem a proximidade dos universos foram construídas de forma a balancear os traços apresentados em primeiro lugar. Portanto, se tivéssemos, por exemplo, a combinação de traços “prestável” e “interesseiro” e também “prestável” e “generoso”, se “prestável” surgisse, no primeiro caso, do lado esquerdo do ecrã (sendo o primeiro traço a ser lido), no segundo caso, apareceria do lado direito (sendo lido a seguir a “generoso”).

Foram estes os 8 traços escolhidos para esta tarefa porque foram estes que ficaram mais perto dos centróides dos *clusters* intelectual positivo, intelectual negativo, social positivo e social negativo no estudo 1.

## **Resultados**

### **Avaliação das TIPs – Escalonamento Multidimensional**

Parece-me importante relembrar que a primeira parte do estudo se prendia com uma tarefa de primação em que era pedido aos participantes que lessem a descrição de quatro pessoas e que depois imaginassem que essas pessoas tinham uma tarde livre e narrassem, posteriormente, o que essas pessoas fariam na tarde livre. Essa tarefa tinha como propósito levar os participantes a: numa condição de relação positiva (“inteligente e simpático”), relacionarem traços da mesma valência (positiva ou negativa) pertencentes a diferentes dimensões (social e intelectual), ou seja, traços do quadrante social positivo com traços do quadrante intelectual positivo e, ao mesmo, tempo traços do quadrante social negativo com traços do quadrante intelectual negativo, ou, numa condição de relação negativa (“inteligente mas antipático”), relacionarem traços de valência distinta pertencentes a diferentes dimensões (social e intelectual), ou seja, traços do quadrante social positivo com traços do quadrante intelectual negativo e, ao mesmo, tempo traços do quadrante social negativo com traços do quadrante intelectual positivo.

Era esperado que a realização desta tarefa influenciasse as crenças dos participantes sobre a coocorrência de traços numa tarefa, para eles, totalmente distinta. Para aceder a estas crenças, pedimos que os participantes imaginassem o universo de pessoas com um determinado traço e o universo de pessoas com outro traço e avaliassem, até que ponto, na sua opinião, esses dois universos estão distantes ou, por outro lado, se sobrepõem. O nível de proximidade (ou distância) entre os universos era indicado pelos participantes numa escala de 7 pontos em que 1 correspondia ao maior grau de distância possível entre os universos e 7 à total sobreposição dos mesmos.

Estes dados foram recolhidos e introduzidos em matrizes individuais de semelhança. Subsequentemente, foram agregadas as matrizes dos participantes de cada condição e calculadas as médias dos julgamentos de proximidade para cada par de traços.

Estas matrizes, à semelhança do estudo 1, foram submetidas a análises de *MDS*.

Visto que os participantes colocados na condição controlo não realizaram a tarefa de primação, era esperado que, uma vez mais, a distribuição dos traços na *MDS* se assemelhasse à obtida por Rosenberg e colaboradores (1968) em que encontraríamos quatro quadrantes: um quadrante composto por traços intelectuais positivos, outro por traços intelectuais negativos, e outros dois com traços sociais positivos e negativos, respetivamente, sendo que os eixos destes quadrantes não seriam completamente ortogonais, havendo uma maior proximidade de traços com a mesma valência.

Na condição de relação negativa (“inteligente mas antipático”), esperávamos que os participantes julgassem mais semelhantes tanto universos de pessoas com traços do quadrante intelectual positivo e social negativo, como universos de pessoas com traços do quadrante intelectual negativo e social positivo. Prevvia-se assim que traços como “egoísta” e “eficaz” estivessem tão próximos como traços como “desorganizado” e “prestável”.

Já na condição de relação positiva (“inteligente e simpático”), esperava-se que a manipulação realizada resultasse numa acentuação dessa proximidade dos traços com a mesma valência na *MDS*. Assim sendo, esperávamos que traços do quadrante intelectual positivo se encontrassem mais próximos de traços do quadrante social positivo e traços do quadrante intelectual negativo se aproximassem mais também de traços do quadrante social negativo. Desta forma, em última análise, talvez apenas a dimensão de valência pudesse representar adequadamente os dados. Como tal irei apresentar primeiramente os resultados da análise na *MDS* a uma só dimensão e, a seguir, a duas dimensões.

### Condição Controlo

Através de uma análise de Escalonamento Multidimensional, decidimos verificar como se distribuiriam os dados usando apenas uma dimensão. Esta análise a uma dimensão pareceu-nos pertinente uma vez que, se a nossa tarefa de primação fez com que traços de quadrantes adjacentes se aproximassem, este reajustamento dos traços poderia ser perceptível apenas considerando uma dimensão. Como tal, decidimos realizar esta análise para todas as condições. Na condição controlo, esta representação, ainda que não a mais adequada, apresentando um nível de distorção considerável ( $stress = .278$ ) permitiu verificar que traços da dimensão social de valência oposta são os que se encontram mais distantes. Assim sendo, obtivemos uma reta com a seguinte ordenação de traços: num extremo encontramos traços do quadrante social positivo “generoso” e “prestável”, a seguir traços intelectuais positivos “inteligente” e “eficaz”, seguidos de intelectuais negativos “desorganizado” e “incapaz” e no outro extremo os traços “egoísta” e “interesseiro” (traços sociais negativos). É de salientar que traços intelectuais positivos aproximam-se do extremo social positivo (traços “eficaz” e “prestável” mais próximos que “eficaz” e “inteligente”) e o mesmo acontece com os traços intelectuais negativos em que o traço “incapaz” se encontra mais próximo do traço “interesseiro” do que do “desorganizado”.

Assim sendo, realmente verificou-se que o ajuste dos dados a uma representação com duas dimensões é muito superior ( $stress = .056$ ), apresentando-se a solução bidimensional no anexo J. Para traçar os eixos nesta representação calculamos o ponto que se encontra a igual distância do par de traços de um dado quadrante e fizemos o mesmo para o quadrante da mesma dimensão com valência oposta. Depois de desenhados estes pontos, unimo-los com uma reta que representa o eixo dessa dimensão.



Nesta representação podemos, então, verificar que os traços se distribuem segundo os quatro quadrantes sendo que os eixos formados por estes não são ortogonais. Assim, temos que traços pertencentes ao quadrante intelectual positivo (traços: “eficaz” e “inteligente”) se aproximam de traços pertencentes ao quadrante social positivo (traços: “generoso” e “prestável”) e traços pertencentes ao quadrante intelectual negativos (traços: “incapaz” e “desorganizado”) se aproximam de traços pertencentes ao quadrante social negativo (traços: “egoísta” e “interesseiro”).

De forma a complementar esta análise, levou-se a cabo uma análise de *clusters*. Foram testadas soluções a 2, 3 e 4 *clusters* de forma a verificar qual a solução mais apropriada. No entanto, segundo as nossas hipóteses, esta análise fundamentar-se-ia na necessidade de avaliar a adequação de uma repartição dos traços por quatro *clusters* que classicamente representam os quatro quadrantes das TIPs. Para tal, utilizámos o algoritmo *k-means* sendo este o método mais adequado quando há hipóteses sobre o número de *clusters*.

A solução mais adequada para a condição controlo foi uma solução a quatro *clusters*. Um dos *clusters* formado pelos traços “desorganizado” e “incapaz” (traços do quadrante intelectual negativo), outro por “generoso” e “prestável” (traços do quadrante social positivo), outro por “inteligente” e “eficaz” (traços do quadrante intelectual positivo) e um último por “interesseiro” e “egoísta” (traços do quadrante social negativo). Nesta solução, o traço “desorganizado” não está significativamente mais próximo do seu vizinho de *cluster* do que dos outros traços,  $F(3,4) = 2.92$ ;  $p = .163$ , mas todos os outros traços estão mais próximos dos seus vizinhos de *cluster* do que dos outros *clusters*, ainda que no caso dos traços “inteligente” ( $F(3,4) = 4.75$ ;  $p = .083$ ), “incapaz” ( $F(3,4) = 4.60$ ;  $p = .087$ ) e “interesseiro” ( $F(3,4) = 6.47$ ;  $p = .051$ ) esta proximidade seja apenas marginalmente significativa.

### **Condição Relação Negativa (“inteligente mas antipático”)**

Tal como na condição controlo, decidimos testar também os dados desta condição numa representação unidimensional. O ajustamento dos dados a esta representação não é bom ( $stress = .233$ ) mas possibilita, ainda assim, explorar a forma como os traços se distribuem ao longo de uma única dimensão.

Os traços que se encontram mais distantes nesta representação são os que pertencem ao quadrante social negativo (“egoísta” e “interesseiro”) – num dos extremos – e os que pertencem ao quadrante intelectual negativo (“desorganizado” e “incapaz”). Obtivemos, mais uma vez, uma reta com a seguinte ordenação de traços: “egoísta”, “interesseiro”, “eficaz”, “inteligente”, “prestável”, “generoso”, “desorganizado” e “incapaz”.

Vejamos então qual a distribuição dos dados numa representação bidimensional.

Em primeiro lugar, refiro que o ajuste dos dados a uma representação com duas dimensões é aceitável ( $stress = .034$ ), apresentando-se a solução bidimensional no anexo K. Numa primeira análise, verificamos que os traços pertencentes ao mesmo quadrante se encontram mais próximos do que na condição controlo. Para além disso, quando tomamos em consideração os ângulos formados pelos eixos dos quatro quadrantes constatamos que estes se aproximam muito da ortogonalidade. Esta perpendicularidade dos eixos na condição negativa vai no sentido pretendido da manipulação, uma vez que “distancia” a tendência de proximidade de traços da mesma valência encontrada classicamente na distribuição das TIPs na *MDS*. Se compararmos a distribuição notada nesta condição com a da condição controlo podemos perceber que os traços sociais positivos se movimentaram no sentido de se afastarem dos intelectuais positivos, tal como era esperado.

É então pertinente que prossigamos para a análise de *clusters* em que foram testadas soluções a 2, 3 e 4 *clusters*. Novamente, suspeitávamos que a solução a 4 *clusters* seria a que representaria mais adequadamente as hipóteses dos dados. Assim, aplicámos a técnica *k-means* forçando a solução a quatro *clusters*. Esta solução a quatro *clusters* demonstrou ser novamente satisfatória. O traço “desorganizado” é o único que não está significativamente mais próximo do seu vizinho de *cluster* do que dos outros traços,  $F(3,4) = 2.69$ ,  $p = .180$ ), já para os traços “inteligente” ( $F(3,4) = 5.22$ ;  $p = .071$ ) e “incapaz” ( $F(3,4) = 5.69$ ;  $p = .062$ ) esta significância é marginal. Temos assim, quatro *clusters* constituídos por: 1) “incapaz” e “desorganizado”; 2) “inteligente”, “eficaz”; 3) “generoso” e “prestável”; 4) “egoísta” e “interesseiro”.

### **Condição Relação Positiva (“inteligente e simpático”)**

À semelhança do que sucedeu nas outras condições, o ajustamento dos dados a uma representação unidimensional não é o mais desejável ( $stress = .235$ ). Contrariamente ao que prevíamos, num dos extremos da dimensão encontramos traços do quadrante intelectual negativo e no outro extremo traços sociais negativos. Ou seja, os traços distribuíram-se da seguinte forma: “incapaz”, “desorganizado”, “generoso”, “prestável”, “inteligente”, “eficaz”, “interesseiro” e “egoísta”. Assim, apenas a uma dimensão, parece que a nossa predição se concretizou, mas apenas para traços positivos.

Quando realizada a análise a duas dimensões, podemos perceber que o ajuste dos dados é muito bom ( $stress = .001$ ) apresentando-se a representação a duas dimensões no anexo L.

Os resultados com que nos deparamos no que diz respeito à distribuição de traços mostram uma aglomeração de traços positivos, intelectuais e sociais, de um lado da *MDS* e, do outro, podemos encontrar traços sociais negativos consideravelmente distantes de

traços intelectuais negativos. Deste modo, os resultados que se referem aos traços positivos vão de acordo com as nossas predições, no entanto, o mesmo não se verifica para os traços negativos. Ainda assim, a distância mantida entre os traços positivos e os negativos parece ser maior do que aquela entre os dois grupos de traços negativos (intelectuais e sociais).

Quando realizamos a análise de *clusters*, não surpreendentemente, a melhor solução reside numa solução a 3 *clusters*. Um dos *clusters* é constituído, assim, por traços pertencentes aos quadrantes social e intelectual positivos, outro com traços do quadrante intelectual negativo e por fim outro com traços sociais negativos. Esta parece ser uma boa solução uma vez que só o traço “inteligente” não se encontra significativamente mais próximo dos outros traços positivos, seus vizinhos de *cluster*, do que dos restantes traços,  $F(3,4) = 2.40, p = .185$ . Para o traço “prestável” esta significância é apenas marginal,  $F(3,4) = 5.62, p = .052$ .

Esta distribuição assimétrica, isto é, mais concretamente, a ideia de que a manipulação realmente surtiu efeito, mas apenas para os traços positivos, pode sugerir que algo de muito específico acontece com a percepção de correlação de informação positiva. Esta questão será retomada mais à frente, na discussão dos resultados.

### **Correlação entre distâncias nas MDSs**

Verificamos que a correlação das distâncias entre traços entre a condição controlo e a condição de relação negativa é bastante alta (.98). Mais reduzida é a correlação entre a condição de relação positiva e a condição de controlo, de .84. Sendo ainda mais baixa do que a correlação de distâncias entre a relação positiva e a relação negativa (.87). A condição de relação positiva, ainda que pareça que a manipulação só tenha afetado a

relação dos traços positivos (que se aproximaram consideravelmente), é a condição que mais se distingue da condição controlo.

É importante lembrar que um dos grandes objetivos deste estudo era o de avaliar a maleabilidade versus estabilidade das TIPs. Assim, se a manipulação tivesse surtido os efeitos desejados, a condição de relação negativa seria a que mais se aproximaria da condição controlo. Na condição controlo esperava-se que os traços se dispusessem na *MDS* da maneira mais usual e frequente, ou seja, com uma ligeira associação de traços positivos a traços positivos e vice-versa, o que resulta não ortogonalidade dos eixos por eles formados. Estes eixos, depois de uma primação para relacionar traços sociais positivos com traços negativos da outra dimensão (e vice-versa), vão “mover-se” no sentido da perpendicularidade, ou seja, no sentido de aumentar as distâncias ou diminuir a associação entre os traços da mesma valência, resultando na representação de duas dimensões quase independentes. Esperava-se, ainda assim, que a correlação entre distâncias destas duas condições fosse bastante alta.

Estas correlações das distâncias na *MDS* das três condições permitem-me depreender que estes dados se orientam no sentido esperado e refletem os resultados até aqui apresentados. Isto é, podem ser considerados um indicador da maleabilidade das TIPs à manipulação levada a cabo.

## Discussão

### Estudo 1

Relembro que o estudo 1 foi desenvolvido com o propósito de verificar até que ponto o contexto pode ou não influenciar a crença que as pessoas mantêm sobre quais os traços que coexistem numa mesma pessoa. O contexto, neste caso, foi manipulado pela tarefa de primação (i.e, tarefa de seleção de candidatos) e a representação das TIPs dos participantes foi acedida na segunda tarefa do estudo, a tarefa de avaliação das TIPs.

Esta sequência de tarefas foi proposta dado ao pressuposto que, se as TIPs não pudessem ser ajustadas pelo contexto, não seriam observadas diferenças entre os resultados dos participantes na condição controlo (cujo contexto não foi manipulado) e os resultados dos participantes nas outras duas condições. Não é isso que se verifica. A representação dos traços na *MDS* da condição controlo assemelha-se muito àquela providenciada por Rosenberg e colaboradores (1968) em que encontramos os 8 traços utilizados bem distribuídos segundo as dimensões e os quadrantes a que pertencem. É de salientar uma exceção a esta distribuição “clássica”: o posicionamento do traço “manipulador” (traço pertencente ao quadrante social negativo), que se encontra muito próximo do traço “determinado” (traço pertencente ao quadrante intelectual positivo). Esta proximidade pode expressar a ampla conservação da crença de que alguém manipulador tem de ser também muito determinado para conseguir dominar e traçar estratégias que permitam forjar os outros de forma a alcançar os seus objetivos.

Na condição astronauta (em que se primava a relação negativa entre os traços das duas dimensões), os resultados espelharam uma associação mais forte – maior proximidade na *MDS* – entre traços do quadrante social negativo e intelectual positivo. Como já referi, apesar de a nossa intenção ter sido a de primar a percepção de maior coexistência de traços intelectuais positivos e sociais negativos e também o inverso (i.e,

maior coexistência de traços intelectuais negativos e sociais positivos), a forma como foi construída a tarefa de primação provavelmente permitiu apenas que a primeira manipulação fosse eficaz. Assim, a distância percebida entre traços do quadrante social positivo e traços do quadrante intelectual negativo não nos surpreendeu e, revela que, ainda com limitações no que diz respeito aos objetivos do estudo, a tarefa foi eficaz no que se refere à modelagem das TIPs dos participantes.

O mesmo sucedeu para a condição submarino, em que esperávamos um agrupamento de traços de acordo com a sua valência (i.e, traços positivos significativamente mais próximos de traços positivos e traços negativos igualmente próximos de traços negativos) mas, mais uma vez devido as características da tarefa de primação, o que era realmente influenciado por esta era provavelmente uma maior proximidade dos traços positivos (sociais e intelectuais) e não dos traços negativos. Os resultados apontaram para a confirmação desta orientação de dados. No entanto, talvez os resultados desta condição sejam menos óbvios no sentido em que o traço “determinado” voltou a ser mais fortemente associado com traços do quadrante social negativo do que com traços do quadrante social positivo – o que, à primeira vista, parecia ir contra o sentido da manipulação. Estes resultados fazem, a meu ver, suspeitar que, quando os participantes tinham de comparar o universo de pessoas com o traço “determinado” em comparação com outro traço de valência negativa, este pode ter sido interpretado na sua conotação mais negativa (e.g, obstinado) em substituição de uma conotação positiva (e.g, decidido). Desta forma, este traço não foi categorizado como um traço intelectual positivo, mas como contendor de um significado semelhante, como referi, por exemplo, ao traço “obstinado”, ou seja, determinado no sentido de ser (demasiado) persistente ou inflexível.

É importante referir que consideramos que a tarefa de primação constitui uma limitação metodológica neste estudo. Quando a tarefa de primação foi delineada o objetivo era o de apresentar descrições de requisitos para um determinado cargo que, ou primassem uma relação positiva para os traços das duas dimensões ou, uma relação negativa entre estes. Na verdade, esta primação foi conseguida e os participantes numa determinada condição nunca foram primados para os pressupostos da outra.

Ainda assim, quando foi realizada a análise dos resultados podemos perceber que, sem que nos tivéssemos apercebido, pode ter sido criada uma assimetria na primação no momento em que pedimos aos participantes que fornecessem duas respostas distintas que covariavam com os quadrantes. Por exemplo, ao indicarmos que os requisitos para o cargo respeitantes à dimensão intelectual (de ambas as condições) seriam os de ser capaz de operar sistemas complexos e resolver problemas inesperados, estivemos a primar os sujeitos para aceitarem sempre candidatos com traços dos quadrantes intelectuais positivos e não também o inverso. Ou seja, no caso da condição submarino, os participantes deveriam aceitar sempre alguém que fosse, por exemplo, inteligente e sociável, mas nunca alguém limitado e arrogante, o que, na verdade, constituía também um objetivo da primação. Já na condição astronauta, de acordo com os requisitos do cargo, deveriam aceitar sempre um candidato esperto e arrogante e rejeitar outro confuso e falador. No entanto, como vimos, era relevante que associassem tão fortemente traços do quadrante intelectual positivo com traços do quadrante social negativo, como traços do quadrante intelectual negativo com traços do quadrante social negativo, o que não foi tão bem conseguido com esta tarefa de primação.

Para além disso, quando correlacionámos as distâncias entre traços por condição na *MDS* verificámos que tanto a condição submarino como a condição astronauta se aproximavam muito da condição controlo com uma correlação de .98 e .95,



respetivamente, ou seja, consideravelmente perto de uma correlação perfeita. É sabido que a representação proposta por Rosenberg e colaboradores (1968) evidenciava que ainda que os traços se distribuíssem ao longo de duas dimensões distintas, estas não eram completamente independentes uma da outra, o que se traduziu pela não ortogonalidade dos eixos. Os autores referiram que existe uma ligeira associação entre traços da mesma valência. Ora, o que foi primado na condição submarino ia no mesmo sentido do que acontece, segundo os autores, naturalmente na nossa representação de coexistência de traços. No entanto, relembro que este exacerbamento de ligação a traços da mesma valência se confirmou apenas para os traços positivos.

Paralelamente ao que acontece na condição submarino, na condição astronauta a intenção seria a de contrariar a tendência para percepção de maior relação entre traços com a mesma valência. O efeito da manipulação foi, então, o de “forçar” os dados a moverem-se no sentido aproximação de traços intelectuais positivos e sociais negativos e esta aproximação confirmou-se na *MDS*. No entanto, como o inverso não foi devidamente primado, a condição astronauta não se diferenciou tanto da condição controlo como previsto.

Deste modo, a evidência de correlações tão elevadas entre as condições em que houve primação e a condição controlo, em que esta não existiu, poderia refletir: 1) a estabilidade e insensibilidade ao contexto das TIPs (contrariamente a maleabilidade ao contexto antevista pelo estudo base); 2) as limitações metodológicas da tarefa de primação; 3) a alta estabilidade das TIPs sempre que estudadas de uma forma agregada. Levando em consideração as diferenças encontradas entre os dados das diferentes condições, parece-me que apenas estas medidas não foram suficientes para colocar de parte a plasticidade das TIPs mas podem, sim, refletir a insuficiente manipulação do contexto para a relação entre traços dos quadrantes pretendidos. Esta é, no entanto, apenas

uma suposição e, visto que os dados não permitem que discernir entre as diferentes explicações possíveis para os resultados acreditamos que seria relevante desenhar um novo estudo que permitisse perceber melhor o efeito da mudança de contexto na manutenção vs transformação das Teorias Implícitas da Personalidade.

## **Estudo 2**

Este estudo foi construído, assim como o primeiro, com o propósito de investigar a maleabilidade das Teorias Implícitas da Personalidade ao contexto. A tarefa de primação foi desenhada com o objetivo de, numa condição de relação positiva (“*inteligente e simpático*”), ativar representações em que coocorriam traços com a mesma valência de duas dimensões diferentes, ou numa condição de relação negativa (“*inteligente mas antipático*”) ativar representações em que coocorriam traços da dimensão social e intelectual com valência distinta.

Tal como previsto, a *MDS* da condição controlo replicou a distribuição de traços segundo os quatro quadrantes encontrados no estudo de Rosenberg e colaboradores (1968). Assim como no estudo 1, uma vez que os participantes distribuídos por esta condição não realizaram qualquer tarefa de primação, estes resultados são interpretados como representativos das TIPs dos participantes sem constrangimentos contextuais. Podemos então comprovar que as duas dimensões da *MDS* desta condição não são completamente independentes – assim como demonstrado no estudo de Rosenberg e colaboradores (1968) – verificando-se uma associação dos traços segundo a sua valência. No entanto, esta proximidade parece ser mais evidente para o caso dos traços positivos em que traços do quadrante intelectual positivo (“*inteligente*” e “*eficaz*”) se aproximam dos do social positivo (“*prestável*” e “*generoso*”). Uma explicação para esta assimetria será elaborada mais à frente.

Na condição de relação negativa (*“inteligente mas antipático”*), obtivemos, mais uma vez, uma distribuição de traços segundo os parâmetros de dimensão e valência resultando em quatro quadrantes. Quando comparamos estes resultados com os da condição controlo podemos observar que parece que a maior proximidade dos traços com a mesma valência se atenuou. Ou seja, como a manipulação foi feita no sentido de incutir uma percepção de relação negativa entre os traços das duas dimensões, os traços positivos, que estavam mais juntos dos positivos, afastaram-se destes, e o mesmo sucedeu para os traços negativos. Esta transformação resultou quase na independência entre as duas dimensões, isto é, os eixos formados pela distribuição dos traços tornaram-se praticamente perpendiculares.

As características da primação realizada seguia o sentido de contrariar o conhecido efeito de Halo (Thordike, 1920). A definição deste efeito passa, de uma forma muito simples, pela “facilidade” de atribuir vários elementos de uma dada valência a um alvo avaliando apenas um ou poucos elementos do mesmo. A literatura acerca destes efeitos aponta para a dificuldade da realização de julgamentos independentes, e os autores interpretam esta “incapacidade” com a justificação de que as pessoas comportam teorias implícitas da personalidade que lhes dizem que pessoas boas tendem a ter atributos bons e que pessoas más tendem a ter atributos maus (Nisbett & Wilson, 1977). Entende-se que o mesmo se verifica, como veremos, com os próprios atributos – os traços de personalidade -, isto é, “traços bons” tendem a estar ligados a “traços bons” enquanto “traços maus” tendem a associar-se a “traços maus”. A evidência de que, na condição de relação negativa, estes traços deixam de estar tão fortemente associados o que se traduz pela acentuação da independência das dimensões, suporta a eficiência da manipulação e como tal, a sensibilidade das TIPs à mesma.

Na condição de relação positiva (“*inteligente e simpático*”), esperávamos, por outro lado, uma acentuação do Efeito de Halo (Thordike, 1920). Ao primarmos os sujeitos para a uma relação positiva entre traços sociais e intelectuais da mesma valência, acreditávamos que os traços se distribuiriam, no mapeamento, consoante a sua positividade ou negatividade. Os resultados obtidos vão no sentido desta hipótese, mas, ainda assim, apenas se verifica uma aglomeração de traços positivos. Os traços “eficaz”, “inteligente”, “prestável” e “generoso” estão muito próximos uns dos outros, e quando olhamos para os resultados da análise de *clusters* (numa solução a 3 *clusters*), um destes é formado exatamente por estes traços, enquanto os outro dois são constituídos por traços intelectuais negativos e traços sociais negativos, respetivamente.

Não nos parece que este resultado se deva a qualquer falha na tarefa de primação ou se prenda no significado dos traços. Uma hipótese muito mais interessante e elegante pode explicar esta assimetria entre traços positivos e negativos: a hipótese da densidade (Unkelbach, et al, 2008). Esta teoria explica que a semelhança de informação positiva com outra informação positiva é superior à de informação negativa com outra informação negativa. Ou seja, neste caso, traços de personalidade positivos são mais fortemente relacionados com traços de personalidade positivos do que traços negativos são relacionados com traços de personalidade negativos. Este fenómeno perpetua-se, segundo Koch e colaboradores (2016), devido a dois principais motivos ecológicos: 1) amplitude do estímulo – quando pensamos sobre qualquer dimensão, estados positivos encontram-se numa faixa mais estreita que traços negativos, ou seja, uma pequena alteração de um estado positivo para “demais” ou “de menos” já resulta num desequilíbrio e, por isso, num estado negativo. Ou seja, de uma forma simples, se pensarmos, por exemplo, no que caracteriza o nosso conceito de “bom tempo” percebemos que este depende de vários atributos como por exemplo a temperatura, o vento, a humidade, etc. Ou seja, se estiver

calor, consideramos o estado do tempo como um evento positivo, mas, se estiver calor demais, ou calor “de menos”, o estado do tempo já se transforma num evento negativo. O mesmo se passa para os outros fatores, se o tempo estiver muito húmido, ou muito seco, já não é agradável, se estiver muito vento, ou se estiver muito “abafado”, o mesmo se verifica. Desta forma, se estados positivos são definidos pelo enquadramento entre essas duas barreiras é compreensível que estes sejam mais similares entre si e mais diferenciáveis de estados negativos, 2) frequência da coocorrência do estímulo – a informação positiva ocorre mais frequentemente, isto é, eventos positivos são mais comuns e constituem a “normalidade” enquanto que eventos negativos constituem a “exceção” e são mais discrimináveis, logo a percepção de coocorrência de informação positiva é maior (Koch et al., 2016).

Em relação às correlações entre distância dos pares de traços, a condição de relação negativa é a que mais se aproxima da condição controlo (.98) e, por outro lado, a condição positiva apresenta maior dissemelhança quando comparada com esta (.84). A maior semelhança entre a condição de relação negativa e a condição controlo é explicada, a meu ver, pela maior dificuldade (ou rigidez) em associar traços positivos a traços negativos (resultando na tendência para a independência entre dimensões) e, por isso, representa uma menor variação entre as distâncias entre os traços das duas condições. Já a distância entre os resultados da condição controlo e da condição de relação positiva, traduz-se, analogamente, pela desenvoltura com que traços positivos se movimentam na direção de traços da mesma valência. Ou seja, como o que primámos vai no sentido de intensificar uma tendência natural (i.e, Efeito de Halo), ao invés de pretender criar uma tendência nova, o resultado é mais extenso e forte. Por outro lado, a assimetria entre a similitude dos traços positivos (em oposição aos traços negativos que são menos

semelhantes e mais diferenciáveis) podem também explicar a disparidade entre estas duas condições.

Concluo, desta forma, que os resultados encontrados neste estudo vêm esclarecer algumas das dúvidas suscitadas pelo estudo 1 conferindo força à hipótese de que as TIPs são flexíveis e se ajustam a exigências (e necessidades) contextuais.

## Discussão Geral

Os dois estudos aqui discutidos foram desenvolvidos no sentido de melhor compreender o quão maleáveis poderão ser as Teorias Implícitas da Personalidade a situações contextuais. A exploração desta questão é de extrema relevância teórica, primeiramente, porque o estudo acerca da estabilidade e sensibilidade ao contexto das TIPs não tinha sido ainda estudada, e também porque, perante esta lacuna, a maior parte da investigação parecia supor (ainda que não explicitamente) que as TIPs seriam, assim como os esquemas, altamente estáveis e resistentes a mudança. Ou seja, julgava-se, até então, que as TIPs seriam estruturas de conhecimento altamente estáveis, estáticas e assim muito pouco permeáveis a serem moldadas pelo contexto.

Os resultados do estudo piloto permitiram-nos entender que estas estruturas são bastante estáveis quando considerados os dados agregados dos participantes e, por outro lado, bastante mais flexíveis quando são levados em consideração os dados individuais.

Já os resultados do Estudo 1 - ainda que tenham de ser interpretados com cautela devido às limitações metodológicas encontradas – podem oferecer-nos algumas pistas acerca da maleabilidade das TIPs.

A distribuição dos 8 traços de personalidade na *MDS* dos participantes da condição controlo foi muito de encontro à representação apresentada por Rosenberg e colaboradores (1968). Ou seja, os traços distribuíram-se segundo a dimensão e a valência a que pertencem ao longo de quatro quadrantes.

Na condição de relação negativa (“astronauta”), percebemos uma aproximação (comparativamente com as distâncias mantidas na condição controlo) de traços do quadrante intelectual positivo a traços do quadrante social negativo. A primação, na verdade, resultou apenas na maior percepção de coocorrência de traços destes quadrantes.

Isto é, assumimos que a representação da condição controlo reflete a relação de traços que os indivíduos acreditam manter naturalmente (sem primação). Assim, ao compararmos os resultados desta condição com as restantes conseguimos perceber qual foi o efeito da primação. Desta forma, e para o caso da condição astronauta, verificamos que o posicionamento dos traços na *MDS* é consequência do contexto criado na primação – os sujeitos deveriam sempre aceitar candidatos que fossem inteligentes e pouco sociáveis, logo perceberam uma maior relação entre traços do quadrante intelectual positivo e social negativo.

Já na condição de ralação positiva (“submarino”), sabemos que a primação foi feita no sentido de gerar uma maior associação entre traços intelectuais positivos e sociais positivos e, analisando os resultados da tarefa de avaliação das TIPs percebemos que as distâncias mantidas entre traços não estão representadas da maneira esperada – isto é, os traços “determinado” e “hábil” (traços intelectuais positivos) não se aproximaram muito um do outro e, para além disso, o traço “determinado” encontra-se mais próximo de traços sociais negativos do que dos traços sociais positivos. Possíveis razões para este enquadramento foram já apresentadas na discussão do Estudo 1.

Parece-me que, apesar das limitações já mencionadas, a tarefa de primação realmente influenciou a perceção de coocorrência de traços. Isto é, apesar a tarefa de primação não primar uma relação positiva ou uma relação negativa para a totalidade de quadrantes que desejávamos, esta vai, ainda assim, realmente primar essas mesmas associações para metade desses quadrantes. Acredito que os dados deste estudo respondem à pergunta inicial concluindo que as TIPs podem, na verdade, ser moldadas pelo contexto visto que se encontram diferenças entre as representações das relações entre traços dos participantes nas diferentes condições. No entanto, é importante que a



maleabilidade das TIPs se consiga estudar numa investigação com tarefas diferentes que permitam clarificar os dados aqui encontrados.

Para tal, foi construído o Estudo 2. Neste estudo, pretendíamos estudar a estabilidade das TIPs e, mais uma vez, a sua maleabilidade ao contexto. Primeiramente, foi essencial garantir que a tarefa de primação delineada primasse os sujeitos para, numa condição de relação positiva (“inteligente e simpático”), perceberem uma semelhança (maior coocorrência) entre traços com a mesma valência de duas dimensões diferentes, ou numa condição de relação negativa (“inteligente mas antipático”) perceberem uma relação negativa entre traços da dimensão social e intelectual com valência distinta.

Os resultados obtidos para os participantes da condição controlo, que tal como no Estudo 1, não realizavam a tarefa de primação, foram muito semelhantes aos do primeiro estudo, ainda que os traços utilizados não fossem os mesmos. Os traços distribuíram-se segundo os quatro quadrantes referenciados no estudo de Rosenberg e colaboradores (1968) sendo que as duas dimensões da *MDS* desta condição não eram completamente independentes, verificando-se uma associação dos traços segundo a sua valência. No entanto, como tenho vindo a referir, esta proximidade parece ser mais evidente para o caso dos traços positivos, em que traços do quadrante intelectual positivo (“inteligente” e “eficaz”) se aproximam mais dos do social positivo (“prestável” e “generoso”), comparativamente ao que acontece em relação aos traços negativos do quadrante intelectual negativo e social negativo, que se encontram mais distantes. Esta distribuição dos traços na condição controlo é tida como representativa das TIPs dos participantes sem manipulação dos constrangimentos contextuais.

Na condição de relação negativa (“inteligente mas antipático”), obtivemos, mais uma vez, uma distribuição de traços segundo os parâmetros de dimensão e valência resultando em quatro quadrantes. Quando comparamos estes resultados com os da

condição controlo podemos entender que a maior proximidade dos traços com a mesma valência parece ter-se atenuado. Ou seja, como a manipulação foi feita no sentido de incutir uma percepção de relação negativa entre os traços das duas dimensões, os traços positivos, que estavam mais juntos dos positivos, afastaram-se destes, e o mesmo sucedeu para os traços negativos.

Na condição de relação positiva (“inteligente e simpático”), ao primarmos os sujeitos para a uma relação positiva entre traços sociais e intelectuais da mesma valência, acreditávamos que os traços se distribuiriam, no mapeamento, consoante a sua positividade ou negatividade. Os resultados obtidos vão no sentido desta hipótese, mas, ainda assim, apenas se verifica uma aglomeração de traços positivos.

Em suma, na condição controlo verificamos que a distribuição dos traços a distribuição “tradicional” apresentada por Rosenberg e colaboradores (1968), apresentando uma maior proximidade entre traços de dimensões diferentes, mas com valência positiva, do que traços com dimensões diferentes, mas com valência negativa. Na condição de relação negativa, verificamos que a aproximação de traços segundo a sua valência se atenuou formando dimensões quase totalmente independentes, mas, ainda assim, esta representação levanta a hipótese de que este efeito de associação por valência é muito difícil de inverter. As pessoas parecem não conseguir associar mais fortemente traços positivos a traços negativos e vice-versa, do que traços positivos a traços positivos e traços negativos a traços negativos. Na condição de relação positiva (“inteligente e simpático”), os participantes voltaram a agregar muito mais traços positivos a traços positivos do que o inverso. Estes traços dispuseram-se muito perto uns dos outros na *MDS*, enquanto que os traços negativos, apesar de estarem mais juntos do que na condição controlo (o ângulo formado pelos eixos de cada dimensão é menor), estão mais afastados do que os positivos.

Uma explicação para estes efeitos de assimetria entre traços que se distinguem pela valência é dada pela teoria da hipótese de densidade descrita por Unkelbach, Fiedler, Bayer, Stegmüller, & Danner, (2008). Esta hipótese afirma que informação positiva é mais similar a informação positiva quando comparada com a similaridade que a informação negativa mantém entre si. Para fundamentar esta teoria, os autores assumem um espaço hipotético em que proximidade significa semelhança – muito em conformidade com o que acontece na *MDS*. Assim, neste espaço maior similaridade de informação positiva (quando comparada com informação negativa) implica uma maior densidade, ou seja, maior proximidade deste tipo de informação nas representações mentais. É exatamente a acentuação desta proximidade que encontramos entre os traços positivos utilizados no estudo. Se pensarmos, por exemplo, no efeito de Halo apercebemo-nos também desta tendência implícita de associar características que sejam consistentes com a impressão formada, isto é, se uma primeira característica for positiva vamos relacioná-la com muitas outras positivas.

Koch, Alves, Kruger e Unkelbach (2016) apresentam algumas explicações complementares à hipótese de densidade. Para além de fornecerem uma argumentação para a maior similaridade de informação positiva (que já apresentei na discussão do Estudo 2), estes defendem que os resultados encontrados na sua investigação comprovam que a assimetria da similaridade entre informação positiva e negativa é um fenómeno global que pode ser encontrado em vários tipos de informação, como por exemplo, informação gerada pelo próprio ou pelos outros, informação recebida de uma ou mais fontes, informação sobre a forma de palavras ou mesmo eventos do dia-a-dia, quer possuam um nível de valência fraco, moderado ou forte. Acrescentam, ainda, que as disparidades encontradas entre a semelhança de informação de valência diferente não é

resultado da intensidade da valência, da frequência da mesma, da sua concretude ou familiaridade – são apenas devidas à valência (Koch et al, 2016).

Tal como Koch e colaboradores (2016) salientam, se refletirmos sobre literatura acerca das diferenças entre informação positiva e negativa podemos perceber que: 1) segundo Fazio, Sanbonmatsu, Powell, e Kardes (1986), informação positiva é classificada mais rapidamente do que informação negativa; 2) segundo Alves e colaboradores (2015), as pessoas reconhecem informação negativa com maior acuidade; 3) segundo Graf e Unkelbach (2015), generalizações de avaliações positivas (efeito de Halo) são mais prováveis do que generalizações de avaliações negativas (efeito de Horn); 4) segundo Knobe (2003) comportamentos negativos têm maior impacto na formação de impressões; 5) segundo Kensinger, Garoff-Eaton e Schacter (2006), eventos negativos são melhor recordados e são lembrados com mais detalhe do que eventos positivos (citados por Koch et al, 2016).

Ora, todas estas conclusões de diferentes estudos são exemplos da assimetria de similaridade encontrada entre os dois tipos de informação. Esta assimetria deve-se a dois fatores principais (i.e, amplitude do estímulo e frequência da coocorrência do estímulo) que já foram descritos, mas que podem ser sintetizados pela evidência de que informação positiva, emoções positivas, eventos positivos e comportamentos positivos são mais semelhantes entre si. Parece existir, por exemplo, bastante mais diversidade de emoções básicas negativas do que positivas (taxonomias de Plutchik) – muito provavelmente porque as emoções negativas são mais distintas entre si, e também porque tanto a sua discriminação como a sua identificação são processos mais importantes para estas do que para emoções positivas (Koch et al., 2016). Comportamentos positivos, ao serem assumidos como a norma social, não são tão relevantes ou diagnósticos e, por isso, não são tão distinguíveis como os negativos. Ver alguém feliz, entusiasmado ou calmo não

impacta de uma forma tão severa o bem-estar de cada um de nós como ver alguém zangado, triste ou com medo. Isto é, a informação negativa é mais diferente entre si e essa diferença tem mais significado para as pessoas uma vez que é o que caracteriza o estremecimento do equilíbrio produzido, implicitamente, pela positividade (Koch et al., 2016). Este efeito de assimetria pela valência parece também ser visível nos resultados dos estudos deste trabalho e, desta forma, fornece esclarecimentos pertinentes para alguns destes resultados.

Quando comparámos a correlação das distâncias entre traços nas *MDS*'s das diferentes condições, no estudo 2, a condição de relação negativa é a que mais se aproxima da condição controlo (.98) e, por outro lado, a condição positiva apresenta maior dissemelhança quando comparada com esta (.84). Em primeiro lugar, estas diferenças entre condições indicam que a tarefa de primação produziu efeitos nas TIPs dos participantes; em segundo lugar, a maior semelhança entre a condição de relação negativa e a condição controlo é explicada, a meu ver, pela maior dificuldade (ou rigidez) em associar traços positivos a traços negativos (resultando na tendência para a independência entre dimensões) e, por isso, representa uma menor variação entre as distâncias entre os traços das duas condições; e, por fim, a distância entre os resultados da condição controlo e da condição de relação positiva traduz-se, analogamente, pela presteza com que traços positivos são associados aos da mesma valência e, ao mesmo tempo, pela assimetria entre a similitude destes e a dissemelhança entre traços negativos, tal como já foi exposto.

Os resultados desta investigação vêm apoiar os dados que a Psicologia Cognitiva e a Cognição Social têm vindo a providenciar. Estes domínios de estudo apresentaram já evidências empíricas e contribuições teóricas que retratam as representações mentais e estruturas semânticas como muito mais dinâmicas e instáveis do que até aqui se assumia.

Deste modo, os dados obtidos nestes estudos coadunam-se com os obtidos no estudo da estabilidade de categorias não-sociais e sociais revistos na introdução.

Uma das possíveis limitações destes estudos seria o número reduzido de traços utilizados (8 traços). No entanto, é importante ressaltar que os participantes avaliavam 28 diferentes combinações entre traços e não apenas 8. Para além disso, a representação de Rosenberg e colaboradores (1968) segundo quatro quadrantes foi sempre replicada na condição controlo.

Ainda que a estabilidade temporal não tenha sido propriamente estudada no último estudo devido a erro na distribuição dos participantes pelas condições, os restantes resultados apoiam, a meu ver, diretamente, a hipótese da maleabilidade das TIPs ao contexto e, por isso sugerem também a sua instabilidade temporal.

Desta forma, se o facto de lermos descrições de pessoas com determinadas redes de relação entre traços pode influenciar, imediatamente, a nossa crença sobre que relações os traços mantêm nos outros, estas estruturas são provavelmente muito instáveis temporalmente, e, para além disso, claramente, flexíveis e passíveis de serem moldadas a exigências (e necessidades) contextuais. É importante ressaltar que os participantes julgavam que aquela tarefa em que tinham lido descrições fazia parte de outro estudo que nada tinha a ver com o da avaliação das TIPs. Para além disso, estes participantes não estiveram a escrever diretamente sobre a personalidade das pessoas descritas, mas sim sobre que atividades fariam numa tarde livre. Mesmo assim, sem ter sido proeminente qual o verdadeiro objetivo dos estudos, nem terem sido mencionadas crenças acerca da personalidade, a informação sobre determinada relação entre traços afetou as crenças que os indivíduos mantinham (durante toda a sua vida) sobre quais os traços que tendem coocorrer com outros.

A ideia que estes estudos suscitam é de que estas estruturas de conhecimento estão constantemente a serem atualizadas, rearranjadas e adaptadas à nova informação a que somos expostos. Daí que eu possa assumir que alguém que acabei de conhecer, - a Clara - e que foi simpática comigo será também prestável, generosa e disponível para mim, porque no passado conheci, naturalmente, muitas pessoas simpáticas que provaram também ser prestáveis. Ainda assim, se, porventura, amanhã conhecer alguém que seja, à primeira vista, muito simpático, mas que depois demonstre ser cínico, maldoso ou conflituoso, é possível que a minha perceção da relação entre traços se ajuste.

Parece-me que esta relação entre traços aparenta ser estável quando olhada a nível grupal porque realmente deve existir um padrão de comportamentos que está muito presente e que é muitas vezes repetido ao longo do tempo e em vários campos da nossa vida. Desde pequenos que lemos histórias e vemos filmes em que as personagens ou são muito “boazinhas”, isto é, inteligentes, humildes, trabalhadoras e caridosas, ou são muito “mázinhas”, feias, maléficas, falsas e frias. No entanto, ao longo da nossa vida, somos expostos a personagens e pessoas mais complexas, com maior nível de nuance, e mais ambivalentes do ponto de vista avaliativo: “Fui atendida por um médico que era muito arrogante e indelicado, mas realmente sabia o que estava a fazer e fez-me um diagnóstico em poucos minutos”; “Aquela atriz é tão limitada, coitada, mas com aquele sorriso e simpatia é capaz de conquistar meio mundo”; “Tive um professor na faculdade que era extremamente presunçoso e insolente, mas, na verdade, nunca hei de esquecer tudo o que me ensinou, era tão brilhante e habilidoso que me estimulou a aprender cada vez mais e melhor.” Esta ambivalência, mesmo assim, parece ser mais frequente para uma relação negativa entre traços de duas dimensões do que propriamente uma relação positiva entre os traços das duas dimensões com valência negativa. Ou seja, parece que estamos mais

habituaados a conhecer pessoas inteligentes e arrogantes, ou estúpidas e simpáticas, do que propriamente pessoas incapazes e grosseiras.

Para além disso, acredito que o tipo de pessoas que conhecemos ao longo da nossa vida, os livros que lemos, os filmes que vemos, e no fundo todas as experiências por que passamos, positivas e negativas, influenciam, constantemente, a forma como as nossas TIPs estão estruturadas. Muitas vezes, quando alguém descreve a sua forma de lidar com determinada situação, lembramo-nos de um conhecido nosso que partilhava também determinadas características com essa pessoa. A meu ver, esta comparação vai como que adicionando mais peso à relação entre aqueles traços sendo que, numa próxima situação em que seja relevante pensar sobre a coexistência desses traços numa mesma pessoa, esta coexistência será avaliada como muito mais frequente ou provável.

Numa perspetiva funcional, é muito importante que esta perceção realmente seja moldável para que não mantenhamos, perpetuamente, uma crença que pode conduzir-nos ao engano se o contexto se alterar e, assim, muito provavelmente, a situações negativas. Volta, então, a ser pertinente a questão que coloquei na introdução deste trabalho: “De que forma se poderia justificar que a perceção de coocorrência de traços num mesmo individuo não fosse permeável a mudanças situacionais e contextuais quando estamos inseridos num mundo que se define pela diferença, pela multiplicidade de culturas, gerações e grupos, de indivíduos, que expressam inúmeros e distintos traços de personalidade?” Isto é, porque haveríamos nós, seres com grande facilidade de adaptação à diferença, capazes de formular estratégias para lidar com quase todo o tipo de contrariedades, escolher ignorar características “menos congruentes” nos outros de forma a mantermos as suas crenças sobre a relação entre traços? Assim, da mesma forma que argumentam os modelos de memória de recuperação parcial e também os conexionistas, os resultados destes estudos apontam para umas TIPs naturalmente sensíveis ao contexto,



que permitem que um indivíduo construa raramente exatamente a mesma representação para uma determinada relação entre traços em dois momentos distintos. Deste modo, seguindo a mesma linha, estes conceitos aparentam ser altamente instáveis e maleáveis às circunstâncias em que são construídos e/ou recuperados.

Ainda assim, é também muito importante que as TIPs sejam estáveis a um nível agregado. Um cenário largamente disfuncional e caótico seria estabelecido se, cada vez que convivêssemos com alguém com uma combinação de traços inesperada (e.g, dinâmico, mas preguiçoso), as nossas representações mentais se transformassem radicalmente. Neste caso, a estabilidade cognitiva seria fortemente abalada e a aprendizagem, no sentido de incorporação de nova informação e armazenamento dessa informação em memória, estaria também posta em causa. Se não possuímos estruturas que permitissem mapear a relação que percebemos entre os diferentes traços de personalidade de uma forma estável, apenas um evento atípico poderia reestruturar todo o nosso “guia” acerca do que “são feitos” os outros. Sem a ilusão de que realmente podemos conhecer qualquer pessoa através do conhecimento que temos acerca das que já conhecemos, seríamos incapazes de dar qualquer sentido ao mundo social. Esta não seria, assim, uma reconstrução benéfica, é importante que haja uma estrutura coesa sobre o que acreditamos ser mais frequente ou provável e que, exceções a essa percepção não tenham mais peso (ou o mesmo peso) do que a “regra”.

Por outro lado, é também essencial que a nossa crença não seja completamente idiossincrática. Se eu acreditar que alguém simpático é também honesto, e outra pessoa acreditar que alguém simpático é, por outro lado, também desonesto, a minha manifestação de simpatia, que partia de uma intenção positiva relativamente ao outro, poderia ser interpretada simplesmente como uma ameaça, e, subsequentemente, provocar reações imprevisíveis e, evidentemente, hostis. Assim, se a percepção de relação entre

traços não fosse também consensual as relações interpessoais seriam, em grande parte, comprometidas assim como a sensação de pertença ao grupo, tão crucial para a identidade social do sujeito.

### ***Follow up 1***

#### **Objetivo do Estudo 3:**

Estudar a maleabilidade das TIPs e a sua estabilidade temporal a nível grupal e a nível individual.

#### **Participantes:**

270 adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos.

O que quer dizer que, na primeira sessão, teríamos 60 em cada condição com primação e 30 na condição controlo. Na segunda sessão, 30 por condição (quando distribuídos pelas condições do reteste). Isto é, para cada condição com primação teremos duas condições no reteste, uma condição com contexto semelhante e outra com contexto diferente.

#### **Procedimento:**

Para estudar estas duas componentes das Teorias Implícitas da Personalidade sugeriria que se mantivessem duas tarefas de estudo, uma tarefa de primação e uma tarefa de avaliação das TIPs. Construir-se-iam cinco condições: uma condição controlo, outra condição “*smart and cool*”, outra condição “*smart but smug*”, outra condição “*dumb but cool*” e por fim uma outra condição “*dumb and smug*”.

Muito à semelhança do estudo 1 e 2, os participantes que estivessem em condição controlo não completariam a tarefa de primação, participando apenas na tarefa de avaliação das TIPs. Os sujeitos na condição “*smart and cool*” seriam primados através da visualização de cenas de filmes ou séries em que participassem personagens com traços do quadrante intelectual positivo e social positivo. Já os da condição “*smart but smug*” seriam primados da mesma forma, mas agora com a ênfase em personagens com traços do quadrante intelectual positivo e social negativo. Nas outras duas condições, os

participantes seriam manipulados com a apresentação de trechos com personagens ou com características intelectuais negativas e sociais positivas (“*dumb but cool*”) ou com características intelectuais negativas e sociais negativas (“*dumb and smug*”).

A participação numa destas quatro condições teria com consequência a maior percepção de coexistência dos traços inerentes àquela personagem (ou àquelas personagens). Isto é, os participantes deveriam indicar na tarefa de avaliação das TIPs que traços dos quadrantes primados serão mais prováveis de ocorrer na mesma pessoa. Com a comparação entre as diferentes condições estudar-se-ia a maleabilidade das teorias implícitas da personalidade.

Já com o propósito de estudar a estabilidade das Teorias Implícitas da Personalidade, repetir-se-ia este mesmo estudo após 2 ou 3 semanas. Na segunda sessão, metade dos participantes que ficassem, por exemplo, numa condição “*smart and cool*”, ficariam agora numa condição “*dumb but cool*”, e os restantes permaneceriam na mesma condição. O objetivo seria que metade dos participantes que estivessem numa condição de relação positiva entre traços das duas dimensões (“*smart and cool*” ou “*dumb and smug*”) completassem o estudo no reteste numa condição de relação negativa – contexto diferente (“*smart but smug*” ou “*dumb but cool*”) - e que os restantes permanecessem no mesmo contexto. O equivalente aconteceria para os participantes que estivessem inicialmente numa condição de relação negativa.

A tarefa de primação seria realizada no computador através do *software Qualtrics*. Primeiramente, os participantes visualizariam trechos de um filme ou série, com a duração de 1 ou 2 minutos, em que participassem determinadas personagens com as características acima descritas. Quando o excerto do filme terminasse, ser-lhes-iam apresentadas no ecrã 6 características principais dessa personagem (3 referentes à sociabilidade e 3 referentes à intelectualidade) e ser-lhes-ia pedido que pensassem sobre

elas. A seguir, ser-lhes-ia pedido que respondessem a um questionário tomando a perspectiva da personagem que acabaram de assistir. Ou seja, ser-lhes-ia solicitado algo do género: «Acabou de refletir sobre as características do *Dr. House*. Pedimos agora que se ponha na pele deste personagem e responda a este breve questionário. Pedimos-lhe que responda como se fosse ele, ou seja, responda segundo o que acredita que o *Dr. House* responderia e tente ao máximo encarnar a sua personalidade. Deverá responder num pequeno texto de 3 ou 4 frases.» Quando terminassem o preenchimento do questionário, voltariam a assistir a um vídeo com uma outra personagem com características da mesma natureza e repetiriam o restante procedimento. Isto é, cada participante em cada condição visualizaria dois vídeos e preencheria dois questionários.

### **Material:**

- ✓ 8 pequenas gravações de filmes ou séries (2 por condição) em que participem personagens que expressem traços de todas as combinações possíveis entre os quadrantes característicos da representação de Rosenberg e colaboradores (1968)
  - intelectual positivo e social positivo, intelectual positivo e social negativo, intelectual negativo e social positivo, intelectual negativo e social negativo.
- ✓ 8 descrições dos personagens que impliquem 6 traços dos quadrantes (adequados à condição) de duas dimensões (3 sociais e 3 intelectuais).
- ✓ 1 questionário
- ✓ Headphones

Exemplos de perguntas para o questionário:

1. Descreva a sua vida social e/ou familiar
2. O que colocaria neste momento num *post* de uma qualquer rede social?
3. Se visse alguém a precisar de ajuda na rua, o que faria?

4. Se visse um grupo de pessoas a insultar/humilhar outra, o que faria?
5. Qual a sua atividade de eleição para um Domingo à tarde? Porquê?
6. Qual o seu destino de eleição para umas férias? Porquê?

### **Tarefa de avaliação das TIPs**

Para avaliar a representação das TIPs dos participantes ser-lhes-ia proposta a participação num jogo “Conheces os outros?”. Primeiramente ser-lhes-ia dito que estaríamos interessados em estudar quão eficientes as pessoas conseguem ser a adivinhar características de outras pessoas. Ser-lhes-ia indicado que um outro participante na mesma sessão experimental tinha visto um vídeo sobre um personagem com o traço X (e.g, prestável). Ser-lhes ia agora pedido que ordenassem 8 outros traços por nível de probabilidade de ocorrerem nesse mesmo personagem (2 traços do quadrante intelectual positivo, 2 traços do quadrante social negativo, 2 traços do quadrante social positivo e 2 traços do quadrante intelectual negativo). Os participantes teriam de ordenar esses traços arrastando-os para uma reta com 8 diferentes marcações, no sentido da esquerda para a direita, do mais provável ao mais improvável de coocorrer nessa mesma personalidade.

Esta mesma tarefa seria repetida passadas três semanas.

Esperava-se então que, na primeira sessão, os resultados sobre a representação TIPs dos participantes refletissem a sua maleabilidade, ou seja, que participantes numa condição de relação negativa entre traços de duas dimensões relacionassem estas dimensões negativamente ou como dimensões independentes. Os que estivessem numa condição de relação positiva, relacionassem mais intensamente traços com a mesma dimensão e a mesma valência. Já quando comparadas as duas sessões, esperava-se que participantes distribuídos por uma condição experimental com o mesmo contexto refletissem a

estabilidade das suas TIPs enquanto que os colados em condições com contexto diferente adaptassem as suas TIPs às exigências deste novo contexto situacional.

## *Follow up 2*

### **Objetivo do Estudo 4:**

Estudar a diferença entre a percepção de coocorrência de traços centrais versus traços periféricos.

### **Participantes:**

150 adultos (30 participantes por condição experimental).

### **Procedimento:**

Os participantes seriam divididos aleatoriamente por 5 condições: 1) condição controlo; 2) condição com traços centrais e relação positiva entre dimensões; 3) condição com traços centrais e relação negativa entre dimensões; 4) condição com traços periféricos e relação positiva entre dimensões; 5) com traços periféricos e relação negativa entre dimensões.

Neste estudo haveriam duas tarefas principais: uma tarefa de primação e outra de avaliação das TIPs. Na tarefa de primação seriam descritas aos sujeitos quatro pessoas com traços e relações entre traços determinadas pelas condições experimentais. Isto é, numa condição com traços centrais e relação positiva entre dimensões (2) seriam apresentadas descrições com os traços que se encontram mais perto dos centróides dos *clusters* intelectual positivo (e.g, inteligente, persistente) e social positivo (e.g, leal, prestável) e também, outras descrições, com os traços que se encontram mais perto dos centróides dos *clusters* intelectual negativo (e.g, estúpido, mentiroso) e social negativo (e.g, pessimista, infeliz). Já numa condição com traços centrais e relação negativa entre dimensões (3) seriam apresentados os mesmos traços, mas, numas descrições estariam presentes os traços centrais do *cluster* intelectual positivo junto com os traços centrais do *cluster* social negativo enquanto que noutras descrições apareceriam os traços centrais do



*cluster* intelectual negativo junto com os traços centrais do *cluster* social positivo. Numa condição com traços periféricos e relação positiva entre dimensões seriam agora selecionados para umas descrições os traços que se encontram mais afastados do centróide dos *clusters* com traços intelectuais positivos (e.g, austero, popular) e sociais positivos (e.g, modesto, divertido) e para outras os que se encontram também mais longe do centróide dos *clusters* com traços intelectuais negativos (e.g, frio, vaidoso) e sociais negativos (e.g, caprichoso, ingênuo). Por último, para uma condição de relação negativa entre traços periféricos de duas dimensões seriam escolhidos os mesmos traços, mas agora umas descrições teriam com traços intelectuais positivos e sociais negativos, e outras, traços intelectuais negativos e sociais positivos. Os traços poderiam não ser necessariamente os traços apresentados como exemplo, sendo importante que os traços centrais escolhidos fossem igualmente próximos do centróide e os traços periféricos escolhidos, fossem, da mesma forma, igualmente distantes do centróide – os aqui selecionados foram os considerados mais próximos e distantes dos centróides de cada cluster no estudo de Ferreira et al. (2011).

Depois de apresentadas as descrições seria dito aos sujeitos que uma nova linha de investigação está interessada perceber até que ponto os traços de personalidade têm influência na maneira como as pessoas se vestem. Quando formamos uma imagem mental acerca de alguém, normalmente essa imagem consegue ser específica ao ponto de acrescentarmos detalhes como a roupa. Para tal, ser-lhes ia pedido que, depois de pensarem bem sobre a personalidade de cada uma das pessoas, indicassem como imaginavam que estas se vestiam, ou seja, poderiam indicar que as pessoas tinham um estilo específico (e.g, gótico, hippie), ou apenas nomear algumas peças de roupa típicas (e.g, t-shirt e calças de ganga) ou até que cores imaginam que a pessoa vestiria (e.g, preto ou vermelho).

Quando terminassem deveriam responder numa escala de 1 a 7 quão informados se sentiram em relação à personalidade do alvo. Espera-se que, de uma forma geral, traços centrais sejam avaliados como mais informativos do que traços periféricos.

Os participantes na condição controlo não realizariam a tarefa de primação. Depois desta tarefa, seria pedido aos sujeitos que completassem uma tarefa de avaliação das TIPs, que estes julgariam não estar relacionada, em que seriam utilizadas escalas pictóricas semelhantes às utilizadas no estudo 2 deste trabalho.

Esperaríamos que nas condições em que os traços utilizados são os mais centrais estes traços fossem avaliados como mais próximos aos traços do seu quadrante do que traços periféricos.

Para uma condição com traços centrais e relação positiva entre dimensões esperávamos que existisse uma maior associação de traços centrais positivos de uma dimensão a traços centrais positivos de outra dimensão e que o mesmo se verificasse em relação aos traços negativos das duas dimensões.

Para uma condição com traços centrais e relação negativa entre dimensões, esperávamos que os participantes relacionassem as duas dimensões como mais independentes do que na condição controlo e na condição semelhante com traços periféricos.

Para uma condição com traços periféricos e relação positiva entre os traços da dimensão social e intelectual, esperávamos que esta primação produzisse um efeito mais fraco na transformação das TIPs dos participantes uma vez que estes traços se distribuem numa posição “intermédia” entre as duas dimensões. Ou seja, seria esperado que nesta condição houvesse uma associação ligeira de traços com a mesma valência quando

comparada com uma associação mais notória (esperada para a condição com traços centrais).

Já para uma condição com traços periféricos e relação negativa entre os traços da dimensão social e intelectual, esperávamos que se continuasse a verificar uma maior proximidade entre traços com a mesma valência, uma vez que, uma primação para relação negativa entre traços periféricos, deveria ser menos capaz de deixar tão saliente as características do quadrante a que pertencem e deste modo, não deveria ser apta para transformar muito as TIPs dos participantes.

Em suma, esperaríamos uma primação com traços centrais resultasse numa maior percepção de coocorrência de traços dos quadrantes em questão em comparação com uma primação com traços periféricos, que não modificariam tanto as crenças sobre a covariação de traços. Isto verificar-se-ia assumindo que traços periféricos sejam percecionados como traços mais neutros por se encontrarem mais afastados do centróide e por isso também mais vazios em significado em termos da desejabilidade social e intelectual e que, por isso, não permitem tão facilmente a avaliação do traço em termos de dimensão e de valência.

Seria igualmente interessante verificar até que ponto é que a apresentação de traços centrais em conjunto com traços periféricos iria impactar as TIPs. Ou seja, se fossem apresentados primeiro traços centrais e posteriormente traços periféricos podemos prever que a apresentação dos últimos não resultaria numa grande alteração da percepção de coocorrência de traços. Mas o que será que aconteceria se a ordem de apresentação fosse a inversa? Será que a representação dos traços iria depender ainda mais dos últimos (dos centrais) ou será que se encontraria algo semelhante ao efeito de primazia de Asch? Poderão os traços periféricos definir o sentido da impressão do alvo?

Este estudo permitiria concretizar as explicações alternativas aos efeitos encontrados por Asch (1946) permitindo que se verificassem as diferenças entre traços centrais e traços periféricos em termos de maleabilidade das teorias implícitas dos participantes. Será que conhecer alguém que é simultaneamente inteligente e infeliz transformará as nossas TIPs com a mesma intensidade do que se a pessoa fosse popular e ingênua? A minha crença diz-me que não, mas seria muito interessante poder estudar estas relações entre traços consoante a sua proximidade/distância do centróide de cada um dos 4 *clusters*.

### Referências Bibliográficas

Abele, A. E., Cuddy, A. J., Yzerbyt, V. Y., & Judd, C. M. (Eds). (2008). Universal dimensions of social perception: Communion and agency [Special issue]. *European Journal of Social Psychology*, 38

Anderson, N. H. (1965). Averaging versus adding as a stimulus-combination rule in impression formation. *Journal of Experimental Psychology*, 70, 394-400.

Asch, S. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290

Barsalou, L. W. (1987). The instability of graded structure: Implications for the nature of concepts. In U. Neisser (Ed.), *Concepts reconsidered: The ecological and intellectual bases of categories* (pp. 101-140). New York: Cambridge University Press.

Barsalou, L. W. (1989). Intra-concept similarity and its implications for inter-concept similarity. In S. Vosniadou & A. Ortony (Eds.), *Similarity and analogical reasoning* (pp. 76-116). New York: Cambridge University Press.

Barsalou, L. W. (2003). Situated simulation in the human conceptual system. *Language and Cognitive Processes*, 18, 513-562.

Barsalou, L. W. (2008). Grounded cognition. *Annual Review of Psychology*, 59.

Bellezza, F. S. (1984). Reliability of retrieval from semantic memory: Information about people. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 22, 511-513.

Brown, R. W. (1986). *Social psychology*, the second edition. New York: The Free Press.

Bruner, J. S. (1957). Going beyond the information given. In H. Gruber, G. Terrell, & E. M. Wertheimer (Eds.), *Contemporary approaches to cognition* (pp. 258-290). Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bruner, J. S., & Tagiuri, R. (1954). The perception of people. In G. Lindzey (Ed.), *Handbook of social psychology* (vol. 2, pp. 634-654). Cambridge, MA: Addison-Wesley.

Cantor, N., & Mischel, W. (1977). Traits and prototypes: Effects on recognition memory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 38-48.

Cantor, N., Mischel, W., & Schwartz, J. C. (1982). A prototype analysis of psychological situations. *Cognitive Psychology*, 14, 45-77.

Ferreira, M. B., Garcia-Marques, L., Toscano, H., Carvalho, J. & Hagá, S. (2011). Para uma revisão da abordagem multidimensional das impressões de personalidade: O culto, o irresponsável, o compreensivo e o arrogante. *Análise Psicológica*, 29, 315-333.

Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 878— 902.

Fiske, S., Cuddy, A. & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social cognition: warmth and competence. *TRENDS in Cognitive Sciences*, 11, 2 (77-83).

Friendly, M. L., & Glucksberg, S. (1970). On the description of subcultural lexicons: A multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 878-902.

Garcia-Marques, L. (1998). Bounded rationality does not require abstractionism. Towards episodic social cognition. In A. C. Quelhas & F. Pereira (Eds.), *Cognition and context* (pp. 147-168). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, L. (Eds). (2004). *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade e representação cognitiva de pessoas*. Lisboa: ISPA

Garcia-Marques, L., Santos, A. S., & Mackie, D. M. (2006). Stereotypes: Static definitions or dynamic knowledge structures? *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 814-831. Hamilton, D. L. (2005). *Social Cognition*. New York: Psychology Press.

Hamilton, D. L. (1986). Person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *A Survey of Social Psychology* (pp. 135-162). NY, USA: Holt, Rinehart, & Winston.

Hamilton, D. L., Katz, L., & Leirer, V. (1980). Organizational processes in impression formation. In R. Hastie, T. M. Omstrom, E. B. Ebbesen, R. S. Wyer, Jr., D. L.

Hamilton, & D. E. Carlston (Eds.), *Person memory: The cognitive basis of social perception* (pp. 121-153). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Hamilton, D. L., & Sherman, S. J. (1994). Stereotypes. In R. S. Wyer, Jr., & T. K. Srull, (Eds.), *Handbook of social cognition* (2nd ed., pp. 1-68). Hillsdale, NJ: Erlbaum

Hastie, R., & Kumar, P. A. (1979). Person memory: Personality traits as organizing principles on memory for behaviours. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 25-38.

Hastie, R. & Park, B. (1986). The relationship between memory and judgement depends on whether the judgement task is memory-based or on-line. *Psychological Review*, 93, 258-268.

Hochwlder, J. (1995). On stability of the structure of implicit personality theory over situations. *Scandinavian Journal of Psychology* 36, 386-398

Hong, Y., Levy, S. R., & Chiu, C. (2001). The contribution of the lay theories approach to the study of groups. *Personality and Social Psychology Review*, 5, 98-106.

James-Hawkins, L., Judd, C, Kashima, Y. & Yzerbyt, V. (2005). Fundamental Dimensions of Social Judgment: Understanding the Relations Between Judgments of



Competence and Warmth. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89 (6), 899-913

Judd, C. M., James-Hawkins, L., Yzerbyt, V., & Kashima, Y. (2005). Fundamental dimensions of social judgement: Understanding the relations between judgements of competence and warmth. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 899-913

Koch, A. S., Alves, H., Krüger, T., & Unkelbach, C. (2016). A general valence asymmetry in similarity: Good is more alike than bad. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*.

Kunda, Z., & Thagard, P. (1996). Forming impressions from stereotypes, traits, and behaviors: A parallel-constraint-satisfaction theory. *Psychological Review*, 103, 284-308.

McClelland, J. L. (2000). Connectionist models of memory. In E. Tulving, & F. I. M. Craik (Eds.), *The Oxford Handbook of Memory* (pp. 583-596). New York: Oxford University Press.

McClelland, J. L., & Rumelhart, D. E. (1985). Distributed memory and the representation of general and specific information. *Journal of Experimental Psychology, General*, 114, 159-188.

Medin, D. L., & Schaffer, M. M. (1978). Context theory of classification learning. *Psychological Review*, 85, 207-238.

Nisbett, R. E., Krantz, D. H., Jepson, C., & Kunda, Z. (1983). The use of statistical heuristics in everyday reasoning. *Psychological Review*, 90

Nosofsky, R. M., & Palmeri, T. J. (1997). *An exemplar-based random walk model of speed classification. Psychological Review*, 104, 266-300.

Ostrom, T. M., Lingle, J. H., Pryor, J. B., & Geva, N. (1980). Cognitive organization of person impressions. In R. Hastie & T. M. Ostrom & E. B. Ebbesen & R. S. Wyer & D. L. Hamilton & D. E. Carlston (Eds.), *Person memory: The cognitive basis of social perception* (pp. 55-88). Hillsdale, N.J.: Erlbaum

Passini, F. T., & Norman, W. T. (1966). A universal conception of personality structure? *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 44-49.

Rosenberg, S., Nelson, C., Vivekananthan, P. (1968). A multidimensional approach to the structure of personality impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 283-294.

Santos, A. S. C. (2001). A instabilidade dos estereótipos: Experiências em cognição social com uma metodologia de teste-reteste longitudinal. *Tese de mestrado não publicada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Santos, A. S. C. (2007). A relatividade dos estereótipos: Sensibilidade ao contexto e mecanismos explicativos. *Tese de doutoramento não publicada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Schneider, D. J. (1973). Implicit personality theory: A review. *Psychological Bulletin*, 79, 294-319.

Schneider, D. J., & Blankmeyer, B. L. (1983). Prototype salience and implicit personality theories. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 712-722.

Smith, E. R. (1998). Mental representation and memory. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (4th ed., Vol.1, pp. 391- 445). New York: McGraw-Hill.

Smith, E. R., & DeCoster, J. (1998). Knowledge acquisition, accessibility, and use in person perception and stereotyping: Simulation with a recurrent connectionist network. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 21-35.

Smith, E. R., & Semin, G. R. (2007). Situated social cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 132-135.

Smith, E. R., & Zárate, M. A. (1992). Exemplar-based model of social judgements. *Psychological Review*, 99, 3-21.

Schneider, D. J. (1973). Implicit personality theory: A review. *Psychological Bulletin*, 79, 294-319. Schneider, D. J., & Blankmeyer, B. L. (1983). Prototype salience and implicit personality theories. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 712-722.

Snyder, M., & Uranowitz, S. W. (1978). Reconstructing the past: Some cognitive consequences of person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 941-950.

Srull, T. K. (1981). Person memory: Some tests of associative storage and retrieval models. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Cognition*, 7, 440-462.

Wishner, J. (1960). Reanalysis of "Impressions of personality". *Psychological Review*, 67, 96-112

Unkelbach, C., Fiedler, K., Bayer, M., Stegmüller, M., & Danner, D. (2008). Why positive information is processed faster: The density hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 36-49.

## **Anexos**

### **Anexo A**

#### Instruções referentes à condição astronauta (estudo 1)

É hoje consensual para quem gere empresas ou departamentos de recursos humanos que o sucesso depende de ter "a pessoa certa no lugar certo". Esta expressão sublinha a importância de um recrutamento e seleção bem ajustados, que consigam identificar os candidatos com “perfil” e potencial para cada tipo de cargo. Muitas vezes, o mais importante não é fazer uma seleção das competências de cada candidato, mas sim verificar até que ponto a sua maneira de ser se adequa à função específica a que está a candidatar-se.

Porém, este processo de seleção nem sempre é simples, porque exige avaliar de que modo os requisitos necessários para exercer determinada função são compatíveis com as características do candidato.

É isso que lhe pedimos neste estudo – que se coloque no papel de recrutador e que avalie se um candidato se adequa a determinada função.

Para tal, ser-lhe-ão apresentados os requisitos necessários para exercer uma determinada função. Ser-lhe-ão também descritos vários candidatos interessados nesse cargo. Pedimos-lhe, então, que avalie se cada candidato é (tecla S) ou não (tecla N) adequado para o cargo, tendo em conta a compatibilidade das características do mesmo com os requisitos para o trabalho.

Numa cápsula espacial os tripulantes vivem sozinhos durante longos períodos de tempo. Por isso, é importante que sejam capazes de suportar o isolamento de outras pessoas e a rotina. É essencial que um candidato a tripulante de cápsula espacial não só seja um excelente profissional com a capacidade de operar sistemas complexos e de resolver problemas inesperados com facilidade, mas também que goste de trabalhar solitariamente e que não tenha tendência para criar laços com outras pessoas.

Requisitos:

- Operar sistemas complexos
- Resolver problemas inesperados
- Viver bem sem outras pessoas
- Não criar laços

O Salvador é esperto e arrogante.

Considera-o adequado para o cargo?

Sim (tecla S)

Não (tecla N)

## Anexo B

### Instruções referentes à condição submarino (estudo 1)

É hoje consensual para quem gere empresas ou departamentos de recursos humanos que o sucesso depende de ter "a pessoa certa no lugar certo". Esta expressão sublinha a importância de um recrutamento e seleção bem ajustados, que consigam identificar os candidatos com “perfil” e potencial para cada tipo de cargo. Muitas vezes, o mais importante não é fazer uma seleção das competências de cada candidato, mas sim verificar até que ponto a sua maneira de ser se adequa à função específica a que está a candidatar-se.

Porém, este processo de seleção nem sempre é simples, porque exige avaliar de que modo os requisitos necessários para exercer determinada função são compatíveis com as características do candidato.

É isso que lhe pedimos neste estudo – que se coloque no papel de recrutador e que avalie se um candidato se adequa a determinada função.

Para tal, ser-lhe-ão apresentados os requisitos necessários para exercer uma determinada função. Ser-lhe-ão também descritos vários candidatos interessados nesse cargo. Pedimos-lhe, então, que avalie se cada candidato é (tecla S) ou não (tecla N) adequado para o cargo, tendo em conta a compatibilidade das características do mesmo com os requisitos para o trabalho.

Num submarino os tripulantes convivem com as mesmas pessoas durante longos períodos de tempo. Por isso, é importante que sejam capazes de suportar o contacto constante com outras pessoas e a rotina. É essencial que um candidato a tripulante de submarino não só seja um excelente profissional com a capacidade de operar sistemas complexos e de resolver problemas inesperados com facilidade, mas também que goste de trabalhar cooperativamente e que não tenha tendência para criar conflitos com outras pessoas.

Requisitos:

- Operar sistemas complexos
- Resolver problemas inesperados
- Conviver bem com outras pessoas
- Não criar conflitos

O Diogo é inteligente e fiável.

Considera-o adequado para o cargo?

Sim (tecla S)

Não (tecla N)

## **Anexo C**

### **Instruções para tarefa de avaliação das TIPs (estudo 1)**

“Olá! Este é um pré-teste do grupo de estudo de formação de impressões da Faculdade de Psicologia.

As investigações na área de formação de impressões deparam-se frequentemente com a necessidade de pré-testar material porque cada vez que usamos um traço de personalidade para descrever alguém, os participantes inferem outros traços que essa pessoa possa ter. Para que possamos controlar melhor o material que apresentamos aos participantes, precisamos de conhecer essas inferências.

Nesse sentido pedimos a sua colaboração neste pré-teste. Nos écrans seguintes vamos pedir-lhe que imagine uma pessoa com um determinado traço de personalidade e que nos diga qual a probabilidade de, na sua opinião, essa pessoa ter um segundo traço de personalidade.

Nesta tarefa não há respostas certas nem erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião, para que possamos escolher o material a usar em experiências futuras.

Se uma pessoa é X, quão provável é que seja Y também?

1 ... 2... 3 ... 4 ... 5 ... 6 ... 7 ... 8 ... 9 ... 10...11”

## **Anexo D**

### **Instruções condição relação negativa (estudo 2)**

“O Grupo de Cognição Social da FP tem investigado a capacidade humana de formar impressões muito detalhadas, e muitas vezes corretas, sobre outras pessoas. Mesmo que a informação dada à partida não seja muita, as pessoas conseguem deduzir inúmeras características e pormenores sobre as outras pessoas.

Neste estudo procuramos explorar até que ponto as pessoas conseguem adivinhar o tipo de atividades que as outras fazem no seu dia-a-dia, a partir de uma breve descrição da sua personalidade.

Para tal, iremos apresentar-lhe descrições de 4 pessoas diferentes. Após cada descrição, a sua tarefa é imaginar como será essa pessoa. Pode inclusivamente pensar em personagens de filmes, séries ou livros, ou em pessoas reais que conhece pessoalmente, que encaixem na descrição. Vamos depois pedir-lhe que suponha que essa pessoa tem uma tarde livre e que descreva sucintamente (3 a 5 frases) como ela passaria essa tarde.

Exemplo descrição 2 (em alternativa à apresentada no corpo de texto):

“Uma das principais características da Marta é ser muito indecisa, tendo imensa dificuldade em decidir o que deve fazer, o que quer fazer ou como o deve fazer. Outra das suas principais características, segundo os que a conhecem, é ser muito simpática para com as outras pessoas. Ainda no outro dia, apesar de estar com pressa, ajudou uma senhora com um carrinho de bebé a descer umas escadas, sem que esta lho tivesse pedido. Tem reputação de ser incompetente, nada boa no seu trabalho, mas também sincera. Muitos dos que vivem de perto com a Marta acham-na uma pessoa tolerante, ainda que um bocado irresponsável.

O que faria a Marta numa tarde livre?

(Escreva, por favor, 3 a 5 frases)”



## **Anexo E**

### **Instruções condição relação positiva (estudo 2)**

“O Grupo de Cognição Social da FP tem investigado a capacidade humana de formar impressões muito detalhadas, e muitas vezes corretas, sobre outras pessoas. Mesmo que a informação dada à partida não seja muita, as pessoas conseguem deduzir inúmeras características e pormenores sobre as outras pessoas.

Neste estudo procuramos explorar até que ponto as pessoas conseguem adivinhar o tipo de atividades que as outras fazem no seu dia-a-dia, a partir de uma breve descrição da sua personalidade.

Para tal, iremos apresentar-lhe descrições de 4 pessoas diferentes. Após cada descrição, a sua tarefa é imaginar como será essa pessoa. Pode inclusivamente pensar em personagens de filmes, séries ou livros, ou em pessoas reais que conhece pessoalmente, que encaixem na descrição. Vamos depois pedir-lhe que suponha que essa pessoa tem uma tarde livre e que descreva sucintamente (3 a 5 frases) como ela passaria essa tarde.

Exemplo descrição 2 (em alternativa à apresentada no corpo de texto):

“Uma das principais características da Marta é ser muito indecisa, tendo imensa dificuldade em decidir o que deve fazer, o que quer fazer ou como o deve fazer. Outra das suas principais características, segundo os que a conhecem, é ser muito arrogante para com as outras pessoas. Por exemplo, nunca cumprimenta os empregados das lojas ou das pastelarias a que vai e chega a tratá-los mal. Tem reputação de ser incompetente, nada boa no seu trabalho, e para além disso manipuladora. Muitos dos que privam de perto com a Marta acham-na bastante desonesta e um bocado irresponsável.”

O que faria a Marta numa tarde livre?

(Escreva, por favor, 3 a 5 frases)

## **Anexo F**

### **Instrução para tarefa de avaliação das TIPs (estudo 2)**

“Olá! Este é um pré-teste do Grupo de Estudo de Percepção e Inferência da Faculdade de Psicologia.

As investigações na nossa área deparam-se frequentemente com a necessidade de pré-testar material e novas formas de medida. Grande parte da investigação em psicologia e estudos de mercado fazem-se recorrendo a escalas, por exemplo de 9 pontos, variando entre “discordo completamente” e “concordo completamente” ou entre “raramente” e “quase sempre”.

Estamos neste momento a desenvolver uma nova medida gráfica, ou seja com imagens, e precisamos conhecer as suas propriedades psicométricas. Nesse sentido pedimos a sua colaboração neste pré-teste.

Nos ecrãs seguintes vamos pedir-lhe que imagine o universo de pessoas com uma determinada característica (isto é, todas as pessoas com essa característica) e o universo de pessoas com outra característica (isto é, todas as pessoas com a outra característica). Cada um desses universos será representado por um círculo. A sua tarefa será dizer-nos até que ponto, na sua opinião, esses dois universos estão distantes ou se sobrepõem.

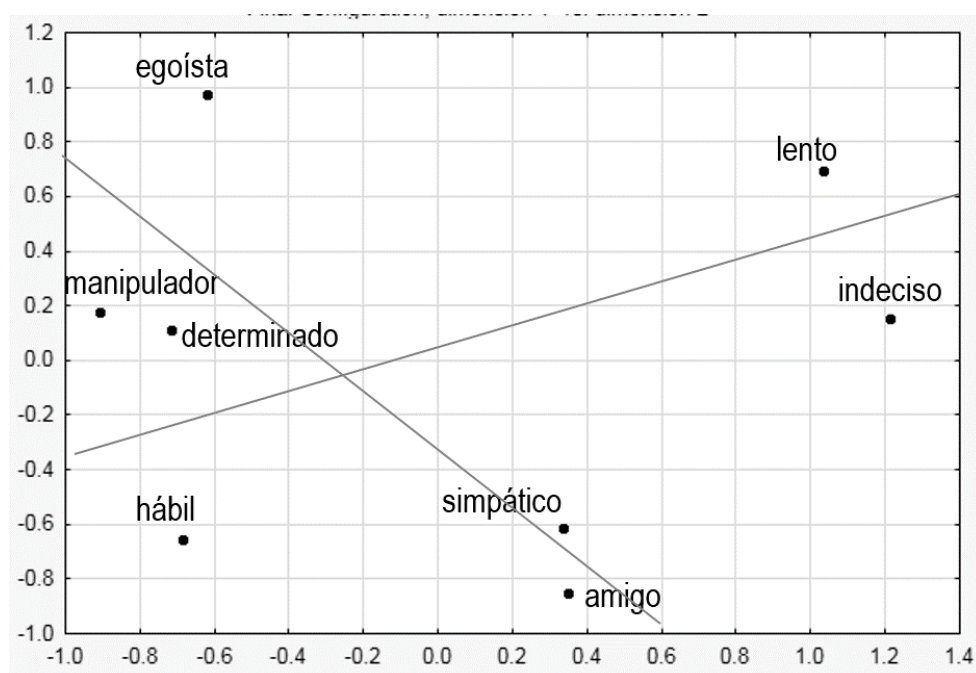
Nos dois próximos ecrãs vamos dar-lhe dois exemplos para que compreenda melhor a tarefa. Repare que não há respostas certas nem erradas. Estamos apenas interessados na sua opinião, para que possamos escolher o material a usar em experiências futuras.

Obrigada!”

**Anexo G**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

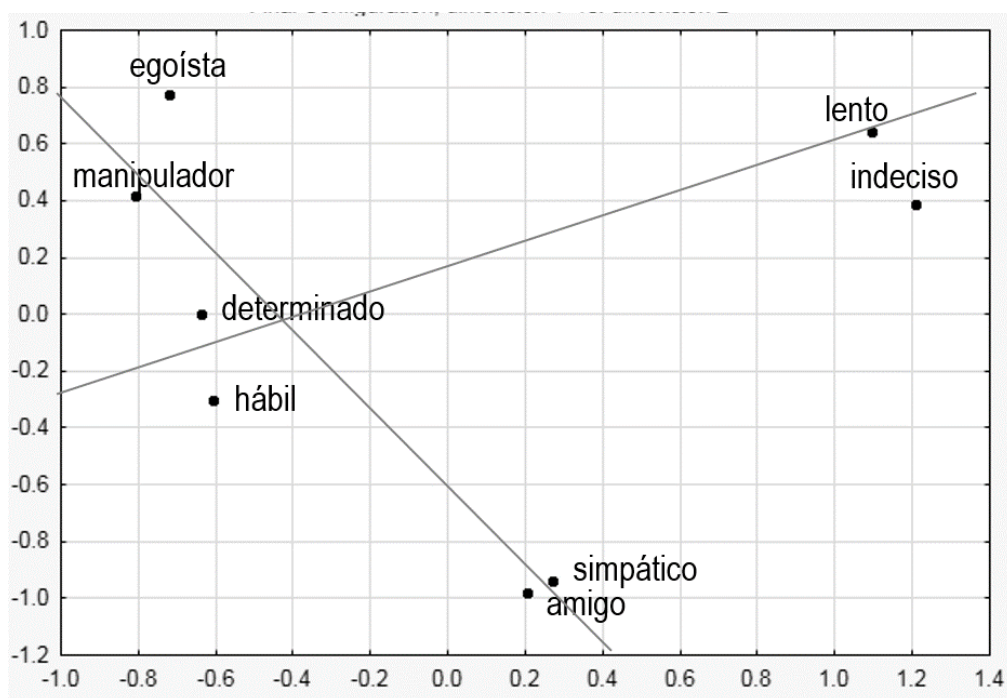
condição controlo (estudo 1)



**Anexo H**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

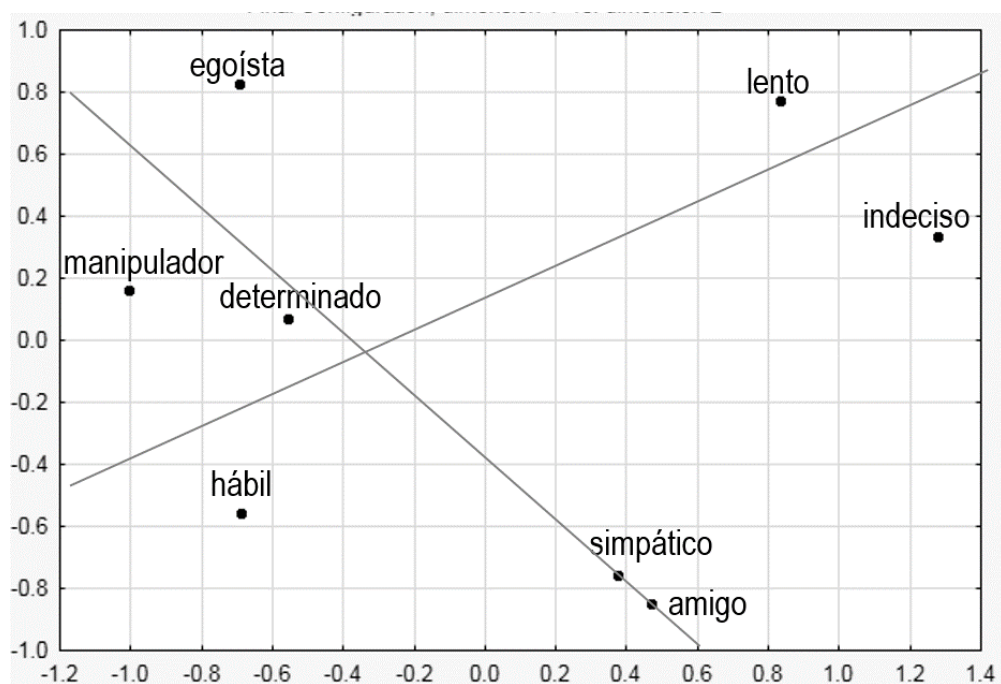
condição astronauta (estudo 1)



**Anexo I**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

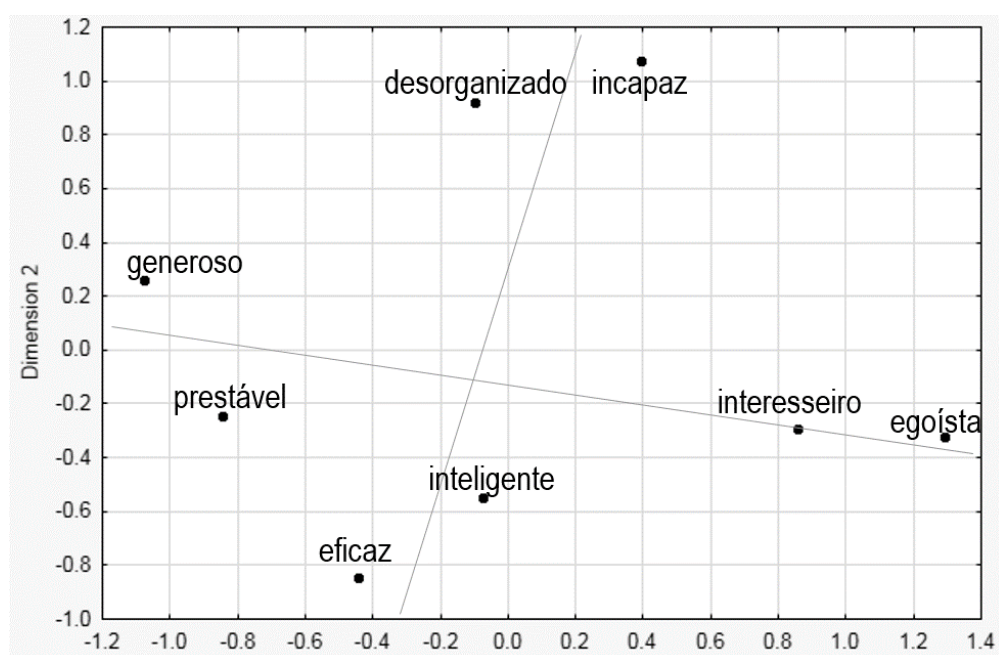
condição submarino (estudo 1)



**Anexo J**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

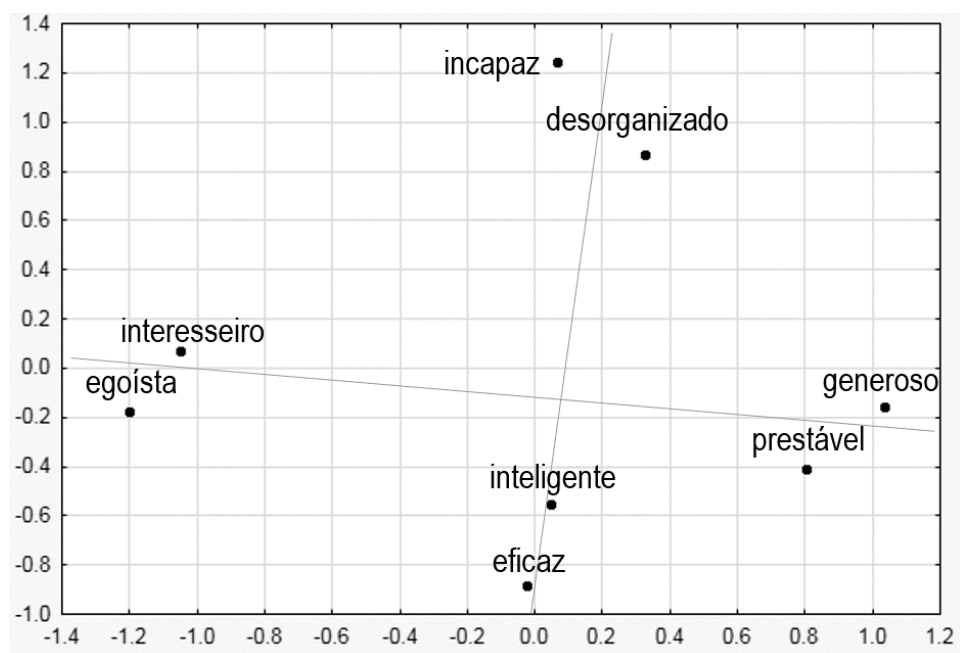
condição controlo (estudo 2)



**Anexo K**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

condição relação negativa (estudo 2)



**Anexo L**

Representação bidimensional da análise de Escalonamento Multidimensional (*MDS*)

condição relação positiva (estudo 2)

